

## **INTEGRAÇÃO E IDENTIDADE: OS OBSTÁCULOS E PERSPECTIVAS DE IMIGRANTES NO DISTRITO FEDERAL**

O papel do português no acolhimento e na diversidade em São Sebastião

## **INTEGRACIÓN E IDENTIDAD: OBSTÁCULOS Y PERSPECTIVAS DE LOS INMIGRANTES EN EL DISTRITO FEDERAL**

EL PAPEL DEL PORTUGUÉS EN LA ACOGIDA Y LA PROMOCIÓN DE LA DIVERSIDAD EN SÃO SEBASTIÃO

Rosângela Gonçalves Cardoso <sup>1</sup>

Raquel Sena Mendes <sup>2</sup>

Suiane Bezerra da Silva <sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este artigo analisa o processo migratório sob uma perspectiva humanizada, ultrapassando a esfera dos números e estatísticas para explorar narrativas individuais repletas de sonhos, desafios e esperanças, sob o olhar do ensino e aprendizagem do português como língua de acolhimento. O estudo concentra-se na cidade de São Sebastião, uma das regiões pioneiras de Brasília, reconhecida por sua hospitalidade e contribuição significativa à construção da capital federal. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando o Estudo de Caso como estratégia metodológica, com entrevistas semiestruturadas e observação direta. O corpus é composto por quatro participantes do sexo feminino, imigrantes e refugiadas residentes em São Sebastião, que compartilharam suas experiências de adaptação, desafios enfrentados e percepções sobre o acolhimento na comunidade local. Os resultados revelaram que o domínio do português e o acesso à qualificação profissional são fatores determinantes para a integração social e econômica dos imigrantes, além de destacar a importância de políticas públicas e iniciativas educacionais voltadas ao ensino de português como língua de acolhimento. O artigo reforça valores como humanidade, solidariedade e compaixão como fundamentais para compreender e abordar os fenômenos migratórios, contribuindo para a formulação de estratégias que promovam a inclusão e valorização da diversidade linguística e cultural.

Palavras-chave: Português como Língua de Acolhimento; Imigração; São Sebastião.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras - Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Tecnologia e Educação de Brasília — Campus São Sebastião. E-mail: [rosangela.cardoso@estudante.ifb.edu.br](mailto:rosangela.cardoso@estudante.ifb.edu.br)

<sup>2</sup> Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB). Doutora em Didática das Ciências, das Línguas, das Artes e das Humanidades pela Universitat de Barcelona, Espanha. E-mail: [raquel.mendes@ifb.edu.br](mailto:raquel.mendes@ifb.edu.br).

<sup>3</sup> Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB). Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).. E-mail: [suiane.silva@ifb.edu.br](mailto:suiane.silva@ifb.edu.br)

## RESUMEN

Este artículo analiza el proceso migratorio desde una perspectiva humanizada, yendo más allá de las cifras y las estadísticas para explorar narrativas individuales llenas de sueños, desafíos y esperanzas, a través del prisma de la enseñanza y el aprendizaje del portugués como lengua de acogida. El estudio se centra en la ciudad de São Sebastião, una de las regiones pioneras de Brasilia, reconocida por su hospitalidad y su importante contribución a la construcción de la capital federal. La investigación adopta un enfoque cualitativo, utilizando el estudio de caso como estrategia metodológica, con entrevistas semiestructuradas y observación directa. El corpus consta de cuatro participantes, mujeres inmigrantes y refugiadas residentes en São Sebastião, quienes compartieron sus experiencias de adaptación, los desafíos que enfrentaron y sus percepciones sobre la acogida en la comunidad local. Los resultados revelaron que el dominio del portugués y el acceso a cualificaciones profesionales son factores determinantes para la integración social y económica de las personas inmigrantes, además de destacar la importancia de las políticas públicas e iniciativas educativas dirigidas a la enseñanza del portugués como lengua de acogida. El artículo refuerza valores como la humanidad, la solidaridad y la compasión como fundamentales para comprender y abordar los fenómenos migratorios, contribuyendo a la formulación de estrategias que promuevan la inclusión y la valoración de la diversidad lingüística y cultural.

Palabras-llave: Portugués como lengua acogedora; Inmigración; São Sebastião.

## 1 INTRODUÇÃO

Falar de imigração é mexer no oculto e no escondido. É uma trama delicada e árdua, entre outros adjetivos que poderia usar aqui. Não! Não se trata apenas disso, mas também de falar de pessoas como nós, gente como a gente, que deixam suas vidas para trás em busca do desconhecido. Falar de imigração é como desvendar os fios de uma tapeçaria entrelaçada, em que cada linha representa histórias, sonhos e desafios. Está além das fronteiras geográficas, há barreiras invisíveis que separam culturas, línguas e tradições. A imigração transcende números e estatísticas.

As histórias de imigrantes são como páginas de um livro antigo, desgastadas pelo tempo e pelas lágrimas de muitos povos. Há quem fuja da guerra, da opressão política ou da pobreza extrema. Outros buscam oportunidades, querendo construir um futuro melhor para si e para suas famílias. Todos enfrentam desafios: a saudade da terra natal, a adaptação a um novo idioma, a luta por emprego e, além de tudo, a busca por inclusão.

A imigração é um mosaico de esperança e de desespero, de coragem e de vulnerabilidade. É a busca por um lugar onde se possa pertencer, mesmo quando as raízes estão espalhadas por diferentes continentes. Assim, os imigrantes tecem suas histórias, entrelaçando passado e presente, sonhos e realidade. Falar de imigração é falar sobre a humanidade. É sobre olhar nos olhos de alguém e reconhecer a jornada que a trouxe até aqui. É sobre compreender que, por trás dos números e das políticas, há vidas que se cruzam, se entrelaçam e se transformam.

A região pioneira de Brasília, fundada em 25 de junho de 1993, recebeu milhares de pessoas de outros estados brasileiros ao longo dos anos. De acordo com o último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2022, São Sebastião contava com aproximadamente 98 mil habitantes. Esse número vem aumentando consideravelmente nos últimos anos devido ao crescimento urbano e à constante imigração e migração para a região.

Em São Sebastião, o acolhimento de pessoas não é apenas uma questão atual, mas uma continuação de uma tradição de hospitalidade que moldou a comunidade ao longo dos anos. A Região Administrativa tem um papel significativo na história da construção de Brasília. Localizada próximo à capital federal, a cidade

foi uma das principais fornecedoras de tijolos para a construção da nova capital. São Sebastião foi transformada em uma grande olaria, de onde saíam os tijolos que construíram Brasília. Além disso, muitos dos construtores de Brasília, provenientes de diversos estados do Nordeste, estabeleceram-se na RA durante o processo de edificação da capital. Essa contribuição histórica reflete a importância dessa cidade como um núcleo essencial na formação e no desenvolvimento de Brasília, e o acolhimento de migrantes e trabalhadores continua a ser um aspecto central da comunidade local.

De acordo com estudos recentes, a cidade se destaca por oferecer um ambiente propício à adaptação e ao crescimento pessoal dos migrantes. A solidariedade e a receptividade da comunidade local são fundamentais para o sucesso desse processo. O acesso a boas oportunidades educacionais, como em instituições federais na cidade, é um exemplo de como São Sebastião contribui para o desenvolvimento daqueles que buscam novas oportunidades. Ao acolher imigrantes e refugiados, a cidade reafirma seu compromisso em criar um ambiente inclusivo e de apoio para todos.

A integração desses imigrantes é crucial para a coesão social, para o desenvolvimento econômico e para o enriquecimento cultural de São Sebastião. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU),

[c]om frequência, quando falamos sobre migração, nós debatemos se é bom ou ruim, se custa muito ou se dá pouco retorno e quais contribuições precisas que os migrantes trazem para nossas vidas. Mas ver a imigração como uma prática contábil é reduzi-la a uma fração de um todo. É uma parte crescente — e muitas vezes desafiadora — e integral da nossa sociedade, enriquecendo-a de maneiras múltiplas e intangíveis (Vitorino, 2020, p.1).

Uma população diversificada oferece uma gama de perspectivas, habilidades e experiências que podem impulsionar a inovação e o crescimento econômico local. Promover a integração não só fortalece os laços comunitários, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e solidária.

Como dito anteriormente, São Sebastião nos dias de hoje é palco do acolhimento de muitos imigrantes e refugiados, sedentos e necessitados do abraço dessa cidade "mãe". Contudo, ao experimentarem esse "novo", surgem incertezas e desconfianças, mas também oportunidades para a construção de uma sociedade mais diversa e integrada. A chegada de imigrantes a essa matriarca não só altera a

composição demográfica, mas também impacta as dinâmicas culturais, educacionais e socioeconômicas locais, visto que a língua desempenha um papel fundamental no processo de inserção e pertencimento à comunidade. Nesse contexto, estudos indicam que aprender a língua do país de acolhimento é essencial para a inclusão social e profissional dos imigrantes. Como afirmam Barbosa e São Bernardo (2017, p. 58),<sup>4</sup> "o aprendizado da língua e da cultura do país de acolhimento favorece a inclusão social e profissional dos imigrantes".

Podemos relacionar essa ideia com a abordagem de que "A apropriação da língua do país de acolhimento não é meramente um fim em si, mas um meio de integração" (Hervé, 2009, p. 38, *apud* Barbosa; São Bernardo, 2017, p. 67). Assim, o domínio do idioma permite aos imigrantes não apenas acessar oportunidades de trabalho, mas também participar ativamente da vida social e cultural do novo país, fortalecendo seu senso de pertencimento e identidade na comunidade.

Este estudo, portanto, busca compreender as dinâmicas de acolhimento e integração dos imigrantes em São Sebastião, levando em consideração a centralidade da linguagem nesse processo. Para isso, vamos analisar as barreiras linguísticas que os imigrantes enfrentam, investigando como essas dificuldades impactam sua integração social, tanto no ambiente escolar quanto na comunidade em geral. Também identificaremos a percepção dos imigrantes sobre o acolhimento recebido na comunidade de São Sebastião, considerando aspectos culturais, educacionais e institucionais que influenciam suas experiências de pertencimento. Além disso, exploraremos o papel do domínio da língua portuguesa na inserção dos imigrantes no mercado de trabalho local, avaliando como a competência linguística pode ampliar oportunidades de emprego e promover maior autonomia socioeconômica. Assim, o estudo visa contribuir para a formulação de estratégias educacionais e sociais que favoreçam o acolhimento e a valorização da diversidade linguística e cultural.

## 1.2 Objetivo geral

- Refletir sobre o papel do português na integração dos imigrantes na comunidade de São Sebastião.

---

<sup>4</sup> BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção; SÃO BERNARDO, Mirelle Amaral de. A importância da língua na integração dos/as haitianos/as no Brasil. *Périplos: Revista de Pesquisa sobre Migrações*, Brasília (DF), v. 1, n. 1, p. 58-67, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51205>  
Acesso em: 22 de fevereiro de 2025

### **1.2.1 Objetivos específicos**

- Analisar as barreiras linguísticas enfrentadas pelos imigrantes em São Sebastião e seu impacto na integração social.
- Identificar como os imigrantes percebem seu acolhimento na comunidade de São Sebastião.
- Explorar como o domínio da língua portuguesa contribui para a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho em São Sebastião.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Nesta seção, abordaremos o tema da imigração no Brasil, com ênfase nas transformações sociais e culturais decorrentes dos fluxos migratórios que vêm se intensificando nas últimas décadas. O país, tradicionalmente reconhecido por sua diversidade étnica e cultural, tem se consolidado como destino para diferentes grupos de imigrantes e refugiados, sobretudo em virtude de sua política de acolhimento humanitário e de sua posição geopolítica estratégica e de liderança na América Latina.

Primeiramente, discutiremos os principais dados demográficos da presença de imigrantes no território nacional, bem como os desafios enfrentados por essa população no acesso aos seus direitos fundamentais. A abordagem busca contextualizar a realidade brasileira dentro de um cenário migratório global, evidenciando o papel das políticas públicas e das ações da sociedade civil na promoção da inclusão e da cidadania para os recém-chegados. Em seguida, passaremos a discutir as bases teóricas sobre o ensino de português como língua adicional, mais especificamente, como língua de acolhimento.

### **2.1 A imigração no Brasil**

A imigração no Brasil tem apresentado um crescimento expressivo nas últimas décadas, refletindo tanto as transformações nos fluxos migratórios globais quanto as mudanças nas políticas nacionais de acolhimento. Entre 2020 e 2024, o

país registrou um aumento significativo nas solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, acompanhado por maior diversidade de nacionalidades e pela consolidação de mecanismos institucionais voltados à proteção humanitária.

De acordo com o relatório Refúgio em Números 2025 do OBMigra<sup>5</sup>, o Brasil recebeu até o final de 2024 um total de 454.165 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, o que corresponde a 95% de todos os pedidos registrados no país. Embora o volume geral de solicitações tenha crescido, observou-se uma redução de 20,7% nos pedidos feitos por venezuelanos em relação a 2022, indicando mudanças significativas no perfil dos solicitantes.

O relatório Dados Consolidados da Imigração no Brasil 2024 (OBMigra, 2025)<sup>6</sup> reforça essa tendência, destacando que os venezuelanos, historicamente o grupo mais representativo, apresentaram queda de 20,7% em relação a 2022 e de 9,2% frente a 2023. Em contrapartida, os cubanos registraram aumentos expressivos de 288,3% em relação a 2022 e 85,5% frente a 2023. Juntas, essas duas nacionalidades concentraram 70,5% de todas as solicitações em 2024, enquanto as demais ficaram abaixo de 4 mil pedidos.

Entre 2022 e 2024, o perfil dos solicitantes de refúgio no Brasil passou por transformações notáveis. Apesar de os venezuelanos continuarem liderando, sua participação caiu de 50,3% em 2023 para 39,8% em 2024, enquanto os cubanos aumentaram para 32,7%, representando uma variação positiva de 94,2%. Outro destaque foi o crescimento dos indianos, com aumento de 123,1% no período, tornando-se um grupo emergente no cenário migratório brasileiro.

No que se refere à composição demográfica, o perfil dos solicitantes em 2024 foi predominantemente masculino (59,1%), enquanto as mulheres representaram 40,9%. Contudo, entre os haitianos, as mulheres foram maioria, com 50,2% dos pedidos. Houve ainda leve diminuição na participação feminina e na de crianças e adolescentes em comparação aos anos anteriores. A faixa etária predominante foi

---

<sup>5</sup> JUNGER DA SILVA, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; DE OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro. \*Refúgio em Números 10ª Edição\*. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Departamento das Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2025. Disponível em: [https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra\\_2020/OBMIGRA\\_2025/Ref%C3%BAgio\\_em\\_N%C3%BAmeros/Relato%CC%81rio\\_Refu%CC%81gio\\_em\\_Nu%CC%81meros\\_10%C2%AAedpdf.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMIGRA_2025/Ref%C3%BAgio_em_N%C3%BAmeros/Relato%CC%81rio_Refu%CC%81gio_em_Nu%CC%81meros_10%C2%AAedpdf.pdf) Acesso em: 20 out. 2025.

<sup>6</sup> BRASIL. Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra). Dados Consolidados da Imigração no Brasil 2024. Brasília, DF: Ministério da Justiça e Segurança Pública; Coordenação-Geral de Imigração Laboral, 2025. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados?id=401529>. Acesso em: 10 nov. 2025.

de 25 a 39 anos, o que indica que a maioria das solicitações é feita por pessoas em idade economicamente ativa. Ainda assim, grupos como venezuelanos, colombianos e peruanos apresentaram maior proporção de menores de 15 anos, enquanto os indianos se concentraram entre 15 e 24 anos.

Esses dados evidenciam as transformações nos padrões de deslocamento e na composição familiar dos refugiados, além de revelarem o impacto das condições econômicas e sociais sobre os fluxos migratórios. A diversificação das nacionalidades reafirma o papel do Brasil como destino relevante para diferentes grupos migratórios. Nesse contexto, destaca-se a atuação da Coordenação-Geral do Conselho Nacional para os Refugiados (CONARE), responsável pela análise e decisão dos pedidos. Entre 2022 e 2024, o número de decisões apresentou aumento de 235,7% entre 2022 e 2023, seguido de queda de 51% em 2024. A maioria das decisões referiu-se à extinção de processos, com deferimentos e extensões de deferimento ocupando o segundo lugar.

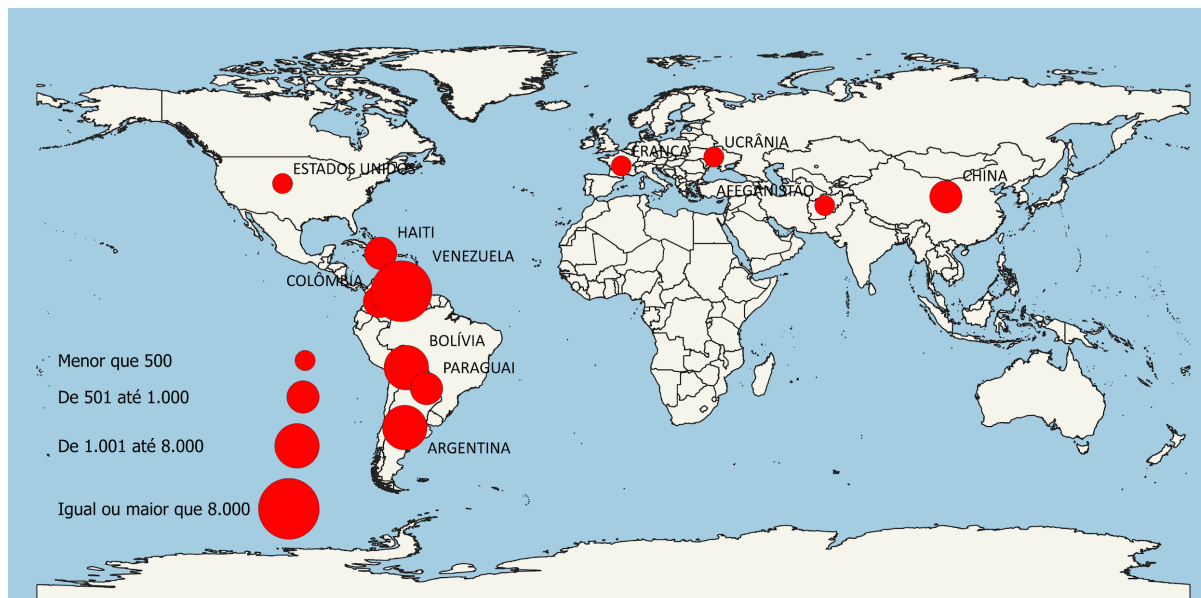
O relatório do OBMigra também aponta redução no número de registros de residência regularizados em 2024, após o aumento de 10,4% verificado entre 2022 e 2023. Mesmo com a queda, a categoria “Acolhida a Venezuelanos” permaneceu como a principal responsável pelos registros, embora em declínio. Em contrapartida, as categorias “Acordos da América do Sul” e “Trabalho/Investimentos” apresentaram os maiores crescimentos no período analisado.

Atualmente, em 2025, observa-se um aumento significativo nos registros de residência de imigrantes no Brasil. De acordo com dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra, 2025), houve um acréscimo de 8,9% em relação ao mês de agosto. Esse crescimento é impulsionado, principalmente, pelos registros realizados no âmbito dos programas “Acolhida de Venezuelanos” e “Acordos América do Sul”, que continuam a desempenhar papel essencial nas políticas de regularização e integração de migrantes no país.

Conforme apresentado na Figura 1, que reúne os registros de residência de imigrantes segundo os principais países de nascimento no mês de setembro de 2025, observa-se a predominância de indivíduos de nacionalidade venezuelana, segmento que se sobressai de maneira expressiva em relação aos demais. Em seguida, aparecem os imigrantes bolivianos e argentinos, embora em números consideravelmente inferiores. Esse cenário evidencia a continuidade dos fluxos

migratórios sul-americanos, impulsionados, sobretudo, por demandas humanitárias e pelos mecanismos regionais de facilitação da mobilidade.

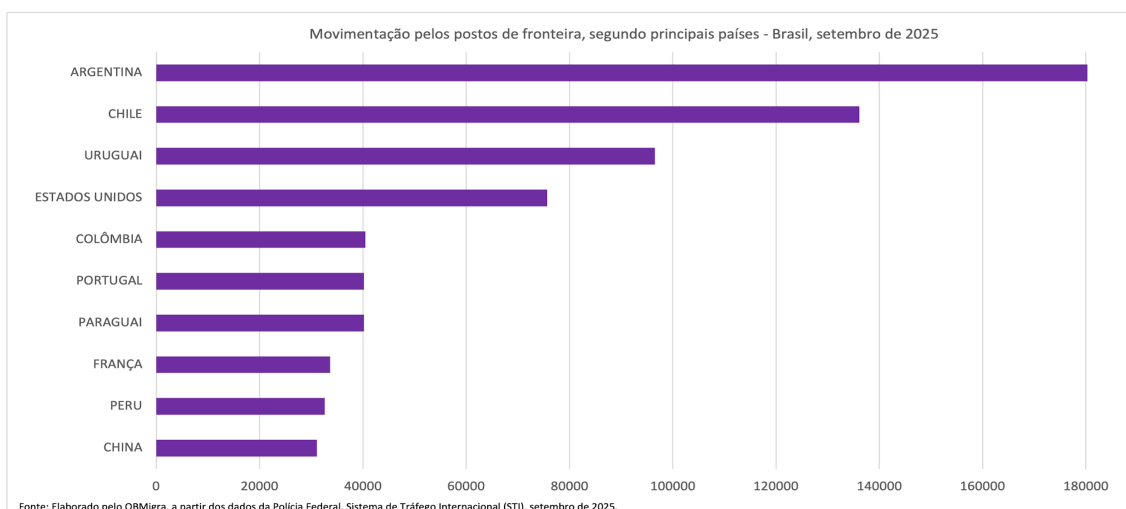
Figura 1 - Número de registros de imigrantes, segundo principais países de nascimento, setembro de 2025.



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Sistema Nacional de Registro Migratório (SisMigra), setembro de 2025.

Em 2025, o cenário mantém características semelhantes. De acordo com dados recentes do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, o panorama migratório brasileiro segue marcado por intensa mobilidade, com destaque para os fluxos provenientes da América Latina. Conforme o Relatório Mensal de Migração Internacional setembro de 2025, os movimentos nas fronteiras brasileiras somaram mais de 2,6 milhões de registros, ainda que o mês tenha apresentado leve redução em relação a agosto (OBMIGRA, 2025). Como podemos ver na Figura 2, em que consta o gráfico de movimentação pelos postos de fronteira segundo os principais países, as nacionalidades que mais atravessaram a fronteira brasileira foram argentina e chilena, o que evidencia a força dos deslocamentos regionais motivados por razões econômicas, sociais e turísticas.

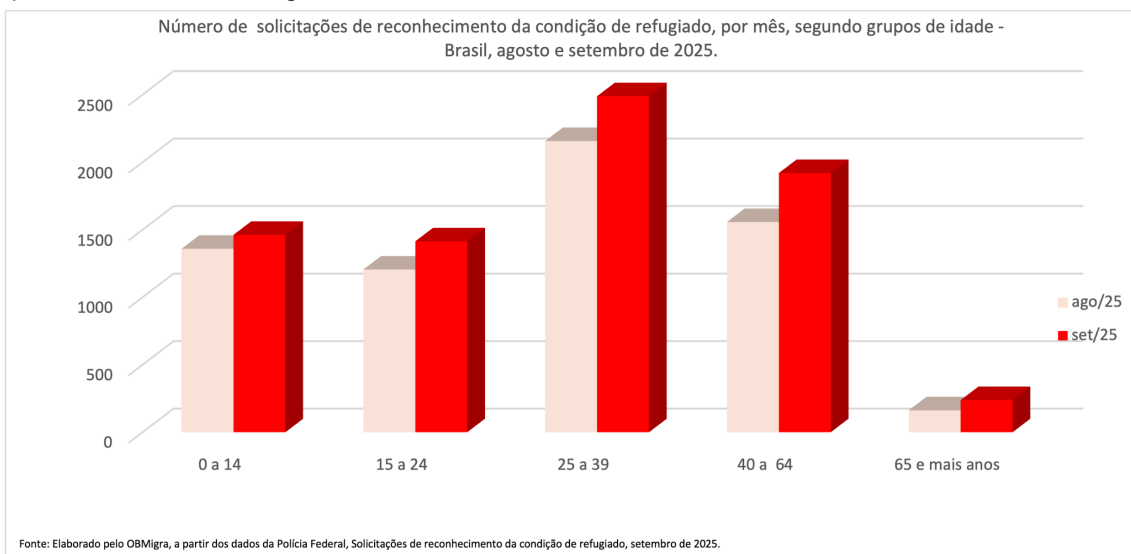
Figura 2: Movimentação pelos pontos de fronteira, segundo principais países - Brasil, setembro de 2025



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da CG CONARE, Solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, setembro de 2025.

Em relação às solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, os dados do Sistema Sisconare indicam que setembro de 2025 registrou o segundo maior volume de pedidos de toda a série histórica, sendo superado apenas por novembro de 2019. O maior contingente de solicitantes situava-se na faixa etária de 25 a 39 anos, enquanto a maior variação relativa (23,3%) foi observada entre os indivíduos de 40 a 64 anos. As solicitações de nacionalidade cubana foram determinantes para o aumento do período, evidenciando uma ampliação tanto do perfil etário quanto da diversidade nacional das pessoas em busca de proteção internacional (OBMIGRA, 2025). Conforme apresentado na Figura 3, verifica-se uma concentração expressiva de pedidos entre adultos jovens e adultos em idade produtiva, ao mesmo tempo em que se observa um crescimento proporcional relevante nas faixas etárias superiores, o que aponta para mudanças no padrão tradicional de solicitantes e reforça a complexificação dos fluxos contemporâneos de refúgio.

Figura 3 - Número de solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, por mês, segundo grupos de idade - Brasil, agosto e setembro de 2025.



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da CG CONARE, Solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, setembro de 2025.

Quanto às decisões sobre solicitações de refúgio, observou-se um incremento de 37% no número de deliberações em relação a agosto de 2025. Contudo, a maioria dos casos resultou em arquivamento dos processos, uma vez que, no mês analisado, não foram emitidas decisões de mérito. Esse quadro evidencia tanto o esforço institucional de gestão das demandas quanto os desafios administrativos ainda presentes na tramitação dos pedidos (OBMIGRA, 2025).

Por fim, os dados mais recentes confirmam que o Brasil mantém sua posição de país de acolhida, tendo reconhecido formalmente mais de 65 mil pessoas como refugiadas até o fim de 2022, segundo balanço da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e do Ministério da Justiça e Segurança Pública. As nacionalidades mais recorrentes entre os reconhecidos continuam sendo venezuelana (77,9%) e cubana (7,9%), com uma composição de gênero de 56% homens e 44% mulheres (ACNUR; Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2024). Esses números, somados ao crescimento das autorizações de residência e à diversidade das origens dos imigrantes, reafirmam o papel do Brasil como ator relevante no cenário humanitário e migratório regional.

### 2.1.1 A imigração em São Sebastião/DF

No que se refere à região administrativa de São Sebastião, no Distrito Federal, observa-se um aumento expressivo na chegada de imigrantes nos últimos anos, o que tem impactado diretamente a dinâmica social, cultural e educacional da cidade. De acordo com dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), com base no Sistema de Registro Nacional Migratório (Sismigra), o Distrito Federal registrou, em 2023, 24.590 migrantes provenientes de 149 nacionalidades distintas (OBMigra, 2023<sup>7</sup>). Esse cenário nacional reflete-se de forma concreta em São Sebastião, onde diversas ações de acolhimento e integração têm sido implementadas. A Administração Regional de São Sebastião, por meio do programa ImigraSS, busca mapear a presença de imigrantes e oferecer oportunidades de formação, cursos profissionalizantes e aulas de português como língua de acolhimento (Administração Regional de São Sebastião, 2024<sup>8</sup>).

Além disso, a Cáritas Arquidiocesana de Brasília mantém na região o centro de acolhimento “Para o Bem Viver Raio de Luz”, que abriga mais de 130 indígenas venezuelanos da etnia Warao, oferecendo moradia, alimentação e acompanhamento socioassistencial, ainda que enfrente desafios relacionados à disputa fundiária e à vulnerabilidade social (Correio Braziliense, 2024<sup>9</sup>). Soma-se a isso o Programa Migra Incubadora Social, também promovido pela Cáritas, que oferece oficinas de empreendedorismo, cursos de português e apoio psicológico, reforçando o papel da região como um importante território de acolhimento e integração de migrantes e refugiados (Cáritas Arquidiocesana de Brasília, 2024<sup>10</sup>).

---

<sup>7</sup> OBMIGRA. Observatório das Migrações Internacionais. Relatório Anual do Sistema de Registro Nacional Migratório – Sismigra 2023. Brasília: OBMigra, 2023. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br>. Acesso em: 8 out. 2025.

<sup>8</sup> ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE SÃO SEBASTIÃO. Inclusão de imigrantes e refugiados leva São Sebastião ao Vale do Silício. São Sebastião, 2024. Disponível em: <https://www.saosebastiao.df.gov.br/w/inclus%C3%A3o-de-imigrantes-e-refugiados-leva-s%C3%A3o-sebastiao-ao-vale-do-silicio>. Acesso em: 8 out. 2025.

<sup>9</sup> CORREIO BRAZILIENSE. Cáritas Arquidiocesana denuncia ação de grileiros em São Sebastião. Brasília, 12 jun. 2024. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/cidades-df/2024/06/6872714-caritas-arquidiocesana-denuncia-acao-de-grileiros-em-sao-sebastiao.html>. Acesso em: 8 out. 2025.

<sup>10</sup> CÁRITAS ARQUIDIOCESANA DE BRASÍLIA. Programa Migra Incubadora Social: sucesso na integração de migrantes e refugiados. Brasília, 2024. Disponível em: <https://df.caritas.org.br/noticias/programa-migra-incubadora-social-sucesso-na-integracao-de-migrantes-e-refugiados>. Acesso em: 8 out. 2025.

Ainda no âmbito local, destaca-se a iniciativa da Administração Regional de São Sebastião, no Distrito Federal, que se tornou referência pioneira na regularização e autorização de trabalho para empreendedores de rua em situação de migração. De acordo Ferreira Júnior (2022)<sup>11</sup>, com matéria divulgada pela Agência Brasília em parceria com o Governo do Distrito Federal, São Sebastião foi a primeira região administrativa do DF a emitir autorizações formais para que imigrantes e refugiados pudessem exercer atividades de comércio ambulante, garantindo condições de autonomia econômica e permanência digna no território. Essa ação resultou de um processo articulado entre a Administração Regional, a Cáritas Arquidiocesana e agências internacionais de proteção, como o ACNUR, que atuam no acolhimento e na inserção produtiva de pessoas em mobilidade (Ferreira Júnior, 2022).

A medida está em acordo com o que Bógus e Fabiano (2015) apontam como essencial para os processos de integração de imigrantes e refugiados: o acesso ao trabalho como elemento central na construção da vida social. Segundo os autores, o trabalho formal desempenha um papel crucial na absorção de trabalhadores estrangeiros no Brasil, permitindo que eles se insiram na sociedade e contribuam para o desenvolvimento econômico do país. Essa integração, no entanto, enfrenta desafios significativos, especialmente para aqueles que chegam em situações de deslocamento forçado, como refugiados e imigrantes provenientes de países em crise econômica ou conflitos armados.

Bógus e Fabiano (2015) destacam que, apesar de o mercado de trabalho brasileiro ter absorvido trabalhadores estrangeiros em diferentes níveis de qualificação, muitos imigrantes ainda enfrentam condições de trabalho precarizadas e discriminação, o que dificulta sua inclusão plena na sociedade. Esses obstáculos são agravados pela falta de políticas públicas eficazes que promovam a integração social, como o acesso facilitado à documentação, à moradia digna e ao aprendizado do idioma.

Do mesmo modo, Moreira (2014) aponta que as redes locais em especial envolvendo instituições públicas e religiosas desempenham papel decisivo no

---

<sup>11</sup> FERREIRA JÚNIOR, Hédio. Inclusão de imigrantes e refugiados leva São Sebastião ao Vale do Silício. Agência Brasília, 7 nov. 2022. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/w/inclusao-de-imigrantes-e-refugiados-leva-sao-sebastiao-ao-vale-do-silicio>. Acesso em: 5 out. 2025.

acolhimento cotidiano, oferecendo suporte material e simbólico que contribui para a reconstrução de trajetórias de vida. Assim, a política implementada em São Sebastião não se limita ao aspecto econômico, mas constitui uma estratégia de acolhimento territorial que reconhece o migrante como sujeito de direitos e integrante da comunidade local.

### *2.1.2 Projeto Cáritas*

Em relação às instituições que auxiliam e acolhem estrangeiros, destacamos o Projeto Cáritas Arquidiocesana de Brasília, que atua na região administrativa de Brasília há mais de 10 anos. Fundada em 8 de abril de 2010, a Cáritas Arquidiocesana de Brasília tem como objetivo promover a vida e fortalecer a sociedade do bem viver, assistindo pessoas em situação de vulnerabilidade social, sendo uma expressão irrenunciável da caridade e da solicitude da Igreja Católica. Além disso, a Cáritas está envolvida em projetos relacionados ao meio ambiente, gestão de resíduos sólidos e em projetos de ensino de português como língua de acolhimento (PLAc).

Em 2024, a entidade recebeu a visita da vice-primeira-dama, Lu Alckmin, em um projeto social em São Sebastião (DF), que abriga 100 pessoas, entre elas, 26 indígenas da etnia Warao. O trabalho da Cáritas é fundamental para combater a pobreza e promover a solidariedade na região.

Ainda no início deste ano, a instituição emitiu uma nota pública informando sobre uma tentativa de ataque por grileiros, detalhando a situação da etnia indígena Warao e o atendimento a mais de 500 pessoas em situação de vulnerabilidade na região. A nota pública explica como a Cáritas Arquidiocesana de Brasília vem enfrentando desafios significativos devido a essa especulação imobiliária. “Os serviços prestados pela instituição, especialmente para crianças, adolescentes e migrantes venezuelanos no Distrito Federal, estão sob ameaça de continuidade”, diz a nota. Ainda comentam que os grileiros têm se mostrado agressivos, resultando em constantes ameaças aos acolhidos, funcionários e voluntários. A infraestrutura, incluindo o abastecimento de água de um poço artesiano, está em risco de manutenção.

Este cenário evidencia a importância do trabalho da Cáritas Arquidiocesana de Brasília na promoção da dignidade humana e na construção de uma sociedade

mais justa e solidária, destacando a urgência de ações concretas para garantir a continuidade dos serviços prestados pela instituição frente aos desafios enfrentados. Além disso, evidencia a necessidade da ação do poder público em garantir que essas iniciativas sejam protegidas pelo Estado brasileiro.

Passamos agora a discutir os estudos linguísticos sobre o ensino de português como língua adicional, em especial, o português como língua de acolhimento.

## **2.2 Português como Língua de Acolhimento**

A chegada de imigrantes à cidade de São Sebastião, no Distrito Federal, suscita a necessidade de considerar o ensino de português como língua de acolhimento (PLAc) como uma especialidade emergente. De acordo com Almeida Filho (2012, p. 723), “desde os tempos coloniais, o ensino de português para falantes de outras línguas existe no país, mas somente nas últimas duas décadas essa prática foi reconhecida como uma área acadêmico-científica”.

No presente trabalho, utilizamos o termo Português como Língua de Acolhimento (PLAc) ao nos referirmos à experiência linguística dos participantes da pesquisa. A escolha desse termo não deve ser confundida com Português como Língua Estrangeira (PLE), pois cada uma dessas noções envolve concepções e finalidades distintas de ensino e aprendizagem da língua.

De acordo com os ensinamentos de Lôpo Ramos (2021), enquanto o PLE se refere ao ensino do português para falantes de outras línguas em contextos onde o português não é uma língua necessária para a vida cotidiana, o PLAc emerge em situações de deslocamento e migração, em que aprender a língua está ligado ao processo de inclusão social, acesso a direitos e exercício de cidadania no país de chegada. Assim, a mudança de nomenclatura não indica uma ruptura com práticas anteriores, mas um redimensionamento teórico e pedagógico, que passa a valorizar, de modo mais sistemático, a diversidade de trajetórias, necessidades e identidades dos imigrantes.

Contudo, essa pluralidade terminológica no campo do ensino de línguas pode gerar dúvidas entre os docentes, que frequentemente encontram dificuldade para escolher abordagens pedagógicas adequadas, o que pode impactar a qualidade do

ensino oferecido a aprendizes em situação de migração. Por essa razão, torna-se essencial esclarecer a distinção entre PLE e PLAc.

O PLE é considerado uma área especializada dentro do campo mais amplo de ensino de línguas. Isso significa dizer que existem várias práticas profissionais e acadêmicas associadas a esse campo, como capacitação específica para professores, pesquisa, publicações e grupos acadêmicos e profissionais. No entanto, uma avaliação recente revelou um desenvolvimento ainda modesto dessa área no Brasil (Almeida Filho, 2012). Ao longo dos séculos, o ensino de línguas estrangeiras passou por diversas fases, desde a publicação dos primeiros livros teóricos até a criação de cursos universitários específicos, como os da Universidade de São Paulo e da Universidade Estadual de Campinas, na década de 1970.

De acordo com Almeida Filho (2012), a emergência da área de PLE foi marcada por eventos como a fundação da Sociedade Internacional para o Português Língua Estrangeira (SIPLE) e a criação do Exame Nacional de Proficiência em PLE (Celpe-Bras). No entanto, apesar do progresso, ainda há desafios a enfrentar, como a falta de uma política oficial para o PLE e a necessidade de uma formação mais ampla e adequada para os professores.

É preciso ter em conta que os contextos de ensino do português variam conforme as necessidades sociais, políticas e culturais dos falantes. Assim, embora tanto o PLE quanto o PLAc se refiram ao ensino de uma língua não primeira, eles se fundamentam em perspectivas e finalidades diferentes. No presente trabalho, utilizamos o termo PLE no sentido tradicional de Língua Estrangeira (LE), conforme discutido por Lôpo Ramos (2021), isso é, a língua aprendida em contextos de não imersão, quando o português não é necessário para a vida social cotidiana do aprendiz, como já mencionamos anteriormente. Saville-Troike (2012, p. 3, *apud* Lôpo Ramos, 2021) reforça essa concepção ao definir língua estrangeira como aquela não amplamente usada no contexto social imediato dos aprendizes, que podem usá-la para futura viagem ou situações comunicativas transculturais, ou estudá-la como componente curricular escolar, mas sem aplicação prática imediata.

Em contraste, o PLAc surge em contextos marcados pela migração internacional contemporânea, nos quais aprender a língua é condição para viver, trabalhar, estudar, acessar serviços e construir redes de apoio. Segundo Lôpo Ramos (2021, p. 245):

O termo “língua de acolhimento” não é novo, mas está, mais do que nunca, em voga, decorrente da grande mobilidade global. Surge como uma alternativa ao conceito de LE, por ter em sua essência conotações mais humanitárias para designar a língua do país que acolhe pessoas em situações migratórias e que saíram da pátria-mãe por razões diversas.

Nesse sentido, o conceito de PLAc supera a lógica de estrangeirização associada ao PLE. Segundo Lôpo Ramos (2021, p. 245-246), referir-se ao migrante como “estrangeiro” pode ser considerado desrespeitoso, especialmente em casos de indivíduos em situação de vulnerabilidade social. Nesse sentido, segundo a autora,

Esse termo surge em substituição ao de “língua estrangeira”, que, para os defensores de LAc, é inadequado à situação, porque apresenta “traço” de colonialismo, de estranho, de estranhamento. No mundo atual de limites frágeis e movediços entre as nações, seria, minimamente, desrespeitoso tratar esse imigrante, que se encontra em situação, às vezes, de vulnerabilidade, de estrangeiro.

Além disso, aprender a língua, no contexto do acolhimento, não é apenas desenvolver competências linguísticas, mas participar da vida social e comunitária. Grosso (2010, p. 68, *apud* Lôpo Ramos, 2021, p. 245), esclarece que a língua de acolhimento ultrapassa a noção de língua estrangeira ou de língua segunda, “[...] [o] uso da língua estará ligado a um diversificado saber, saber fazer, a novas tarefas linguístico-comunicativas que devem ser realizadas na língua-alvo”.

Dessa forma, o PLAc envolve políticas públicas, responsabilidade institucional e compromisso ético com a inclusão. A escola desempenha papel central nesse processo, articulando-se com famílias imigrantes e comunidade local. Como enfatiza Lôpo Ramos (2021, p. 246), “Língua de Acolhimento implica a criação de projetos em que o Estado pode ser o promotor de ações [...], cumprindo a escola papel preponderante, envolvendo família imigrante e segmentos da população local para a inclusão da nova população”.

É fundamental reconhecer que o aprendiz de PLAc não inicia sua trajetória do zero. Ele traz consigo sua experiência de mundo, suas culturas e suas línguas. Cabete (2010, p. 45, *apud* Lôpo Ramos, 2021, 246) lembra que:

Todo aquele que chega a um novo país traz consigo a sua identidade cultural, a sua língua materna, o seu trajeto vivencial e a expectativa de uma vida diferente [...]. Assim, o ensino de português no contexto do acolhimento

deve acolher e valorizar essas identidades, promovendo integração sem apagamento linguístico.

Ademais, é relevante destacar um conceito que tem conquistado espaço significativo na academia, notadamente pela amplitude e sensibilidade que carrega: o Português como Língua Adicional (PLA). Como bem observa Lôpo Ramos (2021), trata-se de um verdadeiro conceito “guarda-chuva”, capaz de acolher diferentes experiências linguísticas sem hierarquizá-las, abrangendo diferentes situações de ensino e aprendizagem de línguas não-primeiras. Segundo a autora, o termo PLA busca substituir nomenclaturas tradicionais, como Português como Língua Estrangeira (PLE) ou Português como Segunda Língua (L2), que podem ser limitadas ou inadequadas em determinados contextos. Lôpo Ramos (2021, p. 245) afirma que:

O termo pode ser utilizado em substituição a uma terminologia tradicional, que já não atende satisfatoriamente às exigências de um mundo pós-moderno, em que a ordem do discurso é movediça, as posições subjetivas são flexíveis, os limites geográficos, elásticos, dinâmicos, as relações socioculturais, negociadas. Assim sendo, o estrangeiro não é mais o outro, o estranho, mas um par, um partícipe de novas práticas.

Essa perspectiva evita conotações de estranhamento ou oposição entre língua “nativa” e língua “outra”, reconhecendo o repertório linguístico dos sujeitos como múltiplo e dinâmico. Desse modo, o PLA abrange diferentes contextos, incluindo o ensino de português para imigrantes em situação de acolhimento (PLAc), para descendentes de brasileiros no exterior (Língua de Herança – LH), bem como em comunidades multilíngues, como povos indígenas e sujeitos surdos. Nesse sentido, Lôpo Ramos (2021, p. 250) destaca que:

O conceito de língua adicional, está longe de ser um mero acréscimo, língua adicional vem desempenhar essa nova função. Na medida em que se soma uma língua à que já se tem, a LA é expressão menos marcada ideologicamente, ela é “mais neutra e mais abrangente, em consonância com os argumentos de Nicolaidis & Tílio (2013:285), para quem “as línguas adicionais não são inferiores, superiores, ou mesmo substitutivas da primeira língua”. (Brandão, 2017, *apud* Lôpo Ramos, 2021),

Além disso, o PLA considera aspectos socioculturais e cognitivos, respeitando o conhecimento prévio e a identidade dos aprendizes. Lôpo Ramos (2021, p. 246) reforça que o termo Língua Adicional se aplica a todos os casos de

língua não-primeira, seja em paradigma cronológico, ideológico ou outro, já que é hiperônimo e, portanto, atende a todas as situações, inclusive aquelas para as quais a terminologia tradicional não é adequada. Essa abordagem promove uma visão mais humanista e intercultural no ensino de línguas, reconhecendo a diversidade linguística e cultural dos aprendizes e suas necessidades específicas.

Como já mencionamos, a diversidade de conceitos e nomenclaturas presentes no campo do ensino de línguas estrangeiras, embora seja um elemento enriquecedor, pode causar ambiguidades entre os docentes, dificultando a escolha e a aplicação de abordagens pedagógicas apropriadas. Essa complexidade pode refletir-se diretamente na qualidade do ensino oferecido aos aprendizes de línguas. Ferreira (2021, p. 3), no entanto, compreende as especificidades de cada termo é fundamental para uma prática docente eficaz. A mudança de nomenclatura não se resume a um mero detalhe semântico, mas reflete uma mudança de perspectiva, de abordagem e, conseqüentemente, de metodologia de sala de aula.

O compartilhamento de experiências e pesquisas na área do PLE é crucial para o fortalecimento dessa disciplina. A colaboração entre pesquisadores, professores e instituições é fundamental para promover o progresso contínuo e a inovação no ensino de línguas. Ao integrar diferentes abordagens e perspectivas, é possível enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais inclusivo e adaptado às realidades dos alunos. Essa troca de conhecimentos não apenas aprimora as práticas pedagógicas, mas também contribui para a formação de um ambiente educacional mais acolhedor e eficaz.

No Brasil, o ensino de PLE pode assumir diferentes estatutos, variando conforme o contexto de aprendizagem. Conforme explica Lôpo Ramos (2021), a distinção entre Língua Estrangeira (LE) e Segunda Língua (L2) está relacionada principalmente ao ambiente de imersão e ao papel sociopolítico da língua. Uma língua é considerada LE quando é aprendida fora do espaço onde possui status oficial, em um contexto em que o aprendiz não está imerso nos usos sociais e cotidianos dessa língua. Nesse caso, o estudo costuma estar ligado a objetivos específicos, como viagens, estudo acadêmico ou interesses culturais.

Por outro lado, a língua é caracterizada como L2 quando o processo de aprendizagem ocorre no território em que ela é oficial e possui uma função institucional e socialmente reconhecida na vida pública (Lôpo Ramos, 2021). Assim, há exposição constante, circulação em diferentes práticas sociais e, portanto, um

processo de aquisição mais orgânico, motivado pela necessidade de inserção social. Dessa forma, um venezuelano que aprende português em seu país de origem insere-se no contexto de LE, pois não há imersão no ambiente linguístico e sociocultural brasileiro. Já imigrantes que chegam ao Brasil e precisam aprender português para viver, estudar, trabalhar e acessar serviços públicos aprendem o idioma como L2, pois a língua passa a ser necessária para a participação efetiva na vida social do país.

Como destaca Lôpo Ramos (2021), reconhecer essa diferença é essencial, pois implica, do ponto de vista didático-pedagógico a necessidade de projetos escolares adequados e de professores com formação que compreendam uma situação de LE e de L2, exigindo deles saberes para elaboração de materiais didáticos em consonância com abordagens, métodos e técnicas no ensino de língua não primeira.

Além disso, a falta de coerência nas políticas linguísticas e educacionais específicas para o ensino da língua portuguesa como segunda língua pode resultar em uma oferta limitada de cursos e recursos adequados para atender às necessidades dos estudantes estrangeiros. Por isso, é importante compreender as diferenças entre PLE, PL2 e PLAc.

Para Almeida Filho (2006, p. 2), uma sociedade atinge um nível mais elevado de civilização quando suas instituições começam a se preparar para ensinar sua própria língua materna como LE ou L2. Isso levanta a questão sobre a prontidão do Brasil em oferecer o ensino de português para falantes de outros idiomas.

Durante uma conversa com uma venezuelana moradora da cidade de São Sebastião, acompanhada do filho de cerca de sete anos, que inclusive falava muito bem português, a mãe demonstrou sua aflição e desejo de que o filho não esquecesse a língua materna, induzindo-o a falar em casa em espanhol. Contudo, ela disse que o menino se interessa bastante pela L2. Segundo Ferreira (2021, p. 5), é possível que esses estrangeiros se comuniquem nas duas línguas, e ressalta que houve tempos em que isso não acontecia no Brasil. Dessa forma, Ferreira (2021, p. 5, *apud* Lemke et al., 2010) afirma que:

Lemke (2010) concorda com Altenhofen (2002) no tocante à possibilidade de a língua materna ser a L1 ou a L2 quando adquiridas simultaneamente. Isso é possível hoje no Brasil, pois as línguas de imigração são patrimônio cultural e, em alguns lugares do país, a língua do imigrante é divulgada para

fins comerciais e turísticos, principalmente no Sul, situação diferente dos tempos em que o estrangeiro não podia usar sua língua materna. Por isso, é possível que os pais estrangeiros usem tanto o português quanto sua língua para conversar com os filhos, que adquirem duas línguas ao mesmo tempo: a portuguesa e a dos pais.

No entanto, é fundamental pensar que, para o desenvolvimento linguístico e cultural da criança, haja um equilíbrio entre a exposição às duas línguas. Encorajar o uso da língua materna em casa e oferecer oportunidades para praticar a L2 em ambientes sociais e educacionais pode promover uma aquisição de língua mais eficaz e uma conexão mais profunda com a cultura de ambos os idiomas. Assim, pais e educadores desempenham um papel crucial no apoio ao processo de aprendizagem bilíngue, garantindo que a criança possa desfrutar dos benefícios de ser fluente em duas línguas.

No contexto acadêmico de ensino do Português como Língua de Herança (PLH), é essencial compreender o conceito dessa língua, conforme destacado por (Warrot, 2022, p. 2). Segundo o autor, a LH é aquela transmitida de geração em geração dentro de uma família, ainda que não seja a língua predominante no ambiente onde a pessoa vive. Warrot (2022) ressalta que a língua de herança é frequentemente associada a laços familiares e a língua falada por pais, avós ou familiares próximos, mesmo que o país de origem não seja familiar ao indivíduo.

Lôpo Ramos (2021) complementa essa perspectiva ao enfatizar que a LH está associada à preservação cultural e ao sentimento de pertencimento, sendo frequentemente a primeira língua adquirida pela criança no ambiente doméstico. No entanto, ela pode ser substituída pela língua dominante do país de acolhimento, especialmente antes da entrada na escola, devido ao aumento do contato diário com essa língua. A autora também ressalta que a LH não é apenas um meio de comunicação, mas um elemento essencial para a construção de laços culturais e identitários.

No caso do exemplo mencionado, a mãe venezuelana demonstra preocupação com a possibilidade de o filho esquecer sua língua materna, enquanto a criança demonstra interesse crescente pela língua portuguesa (L2). Essa situação é comum em contextos de imigração, nos quais as crianças frequentemente adquirem a LH transmitida pelos pais, mesmo quando a língua dominante do país de acolhimento é distinta.

Concordo com Menezes (2024)<sup>12</sup> quando a autora afirma que a LH constitui um bem simbólico e cultural, cuja aprendizagem está diretamente relacionada às dinâmicas familiares, afetivas e identitárias. Portanto, a manutenção da língua de herança é fundamental para a identidade cultural dos indivíduos. Falar português permite que os imigrantes brasileiros mantenham uma ligação mais estreita com sua cultura, tradições e familiares no Brasil. Além disso, a capacidade de falar português pode facilitar a comunicação com outros membros da comunidade brasileira no exterior, reforçando laços entre a comunidade e proporcionando senso de pertencimento (Menezes, 2024, p.28). Segundo essa autora, é através da LH e de iniciativas ao redor do mundo como o projeto Mala de Herança, na Europa, que se torna possível o resgate da cultura e das tradições brasileiras entre as comunidades imigrantes. Nesse processo, o sentido da fala dos imigrantes se reinventa para atender às novas necessidades comunicativas e identitárias.

No Brasil e fora dele, organizações da sociedade civil têm atuado na valorização da LH. Entre elas, destaca-se a ABRACE – Associação Brasileira de Cultura e Educação, que trabalha com PLH em comunidades brasileiras no exterior. Em sua apresentação institucional, a ABRACE afirma que seu trabalho visa fortalecer laços afetivos, culturais e linguísticos, promovendo atividades educativas que permitam às crianças brasileiras “crescerem em contato com a língua portuguesa e com elementos da cultura brasileira de forma significativa e afetiva” (ABRACE, s.d.). Assim, iniciativas como essa reforçam a importância da LH como elemento constitutivo da identidade e da memória cultural de indivíduos e famílias em deslocamento.

Em seguida, passaremos a descrever a metodologia utilizada nesta pesquisa para compreender o papel do português na integração dos imigrantes na comunidade de São Sebastião.

### 3. METODOLOGIA

Esta pesquisa adota o Estudo de Caso como estratégia metodológica, seguindo o delineamento proposto por Yin (2002). Tal escolha se justifica

---

<sup>12</sup> **MENEZES, Mariana Matos.** *Marcas linguísticas da imigração na L1.* São Luís, 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/5862/2/MARIANAMATOSMENEZES.pdf> Acesso em: 15 de outubro de 2025

plenamente, pois o estudo de caso é ideal para investigar um fenômeno contemporâneo (o processo de aprendizado da língua portuguesa) em seu contexto da vida real e específico. O foco recai sobre um grupo delimitado de pessoas imigrantes em situação de refúgio na Região Administrativa (RA) de São Sebastião, no Distrito Federal, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos. Essa estratégia permite uma investigação profunda e abrangente, utilizando múltiplas fontes de evidência para capturar e analisar detalhadamente as complexas interações sociais, culturais e linguísticas envolvidas neste processo de inserção e comunicação.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada nos princípios de Flick (2007), centrando-se na compreensão interpretativa e subjetiva dos fenômenos sociais e culturais. Essa perspectiva valoriza as experiências, percepções e vozes dos participantes, considerando seus contextos singulares e evitando tanto a manipulação de variáveis quanto a busca por generalizações ainda que o meio científico se revele, por vezes, profundamente sugestivo.

A metodologia reflete o objetivo central da pesquisa: compreender as práticas de aprendizagem do português como língua de acolhimento para imigrantes em situação de refúgio, considerando os desafios e as dinâmicas culturais que atravessam esse processo. Ao privilegiar o olhar qualitativo e o estudo de caso, buscamos uma análise sensível e contextualizada das experiências vividas pelos participantes no ambiente escolar e social em que estão inseridos.

### **3.1 Instrumento de pesquisa**

Como mencionamos anteriormente, esta pesquisa é de natureza qualitativa, com enfoque descritivo e interpretativo, voltada à compreensão das dinâmicas de acolhimento e integração dos imigrantes na cidade de São Sebastião, Distrito Federal. A investigação busca captar as experiências, percepções e significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos, considerando suas trajetórias e contextos socioculturais. Para isso, foram utilizados diversos instrumentos e técnicas de pesquisa qualitativa, com destaque para a pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e a observação direta.

A pesquisa bibliográfica foi fundamental para a construção do referencial teórico e para o aprofundamento do objeto de estudo. Conforme afirma Paiva

(2019), a pesquisa bibliográfica trata-se de um tipo de pesquisa de caráter secundário, por utilizar materiais já publicados como livros, artigos acadêmicos, relatórios, páginas da Internet, *blogs*, *podcasts*, vídeos, bancos de dados, apresentações digitais, gravações de palestras e folhetos. No entanto, como ressalta a autora:

Ela vai além da mera busca de informações e não é uma simples compilação dos resultados dessas buscas. Apesar de não trazer nenhum conhecimento novo, o pesquisador deve resumir essas informações, avaliando-as, relacionando-as de forma coesa e crítica, adicionando explicações, sempre que necessário. (Paiva, 2019, p. 60)

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica permitiu identificar lacunas no campo e orientar o delineamento das entrevistas, contribuindo para uma análise fundamentada e crítica das práticas de acolhimento estudadas. A revisão da literatura também se mostrou fundamental para contextualizar o objeto de estudo e evitar abordagens redundantes, ao evidenciar o que já foi produzido sobre o tema (Paiva, 2019).

Além da bibliografia, a pesquisa fez uso de entrevistas semiestruturadas, que articulam perguntas abertas a direcionamentos previamente definidos. Esse formato, conforme discute Szymanski (2011), mostra-se particularmente eficaz por favorecer um espaço de interação dialógica, no qual entrevistador e entrevistado compartilham compreensões e constroem significados de forma conjunta. Tal abordagem possibilita uma escuta sensível e aprofundada, permitindo que os participantes expressem suas experiências e percepções de modo espontâneo, contextualizado e significativo. As entrevistas foram realizadas com sujeitos diretamente envolvidos nas práticas de acolhimento em São Sebastião, assegurando que as informações coletadas refletissem suas vivências e perspectivas, enriquecendo a análise e ampliando a compreensão do fenômeno investigado. Essa triangulação metodológica, bibliografia, entrevistas e observação, possibilita uma análise mais robusta, coerente com os princípios da pesquisa qualitativa.

O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário semiestruturado, aplicado presencialmente aos participantes. A elaboração do questionário seguiu os princípios de Szymanski (2002), que entende a entrevista e, por extensão, os instrumentos dialógicos como um espaço de interação e construção de significados.

Nesse sentido, a autora enfatiza a importância de um olhar reflexivo sobre o processo de coleta de dados, em que a escuta sensível e a formulação de questões abertas assumem papel central. Conforme afirma a autora:

Na entrevista reflexiva, os objetivos da pesquisa serão a base para a elaboração da questão desencadeadora, que deverá ser cuidadosamente formulada. Ela deve ser o ponto de partida para o início da fala do participante, focalizando o ponto que se quer estudar e, ao mesmo tempo, ampliando o suficiente para que ele escolha por onde quer começar. Com isso, já teremos um direcionamento das reflexões do entrevistado, ao qual será oferecido, inicialmente, um tempo para a sua expressão livre a respeito do tema que se quer investigar. A questão terá por objetivo trazer à tona a primeira elaboração, ou um primeiro arranjo narrativo, que o participante pode oferecer sobre o tema que é introduzido. (Szymanski, 2002, p. 67)

O questionário foi elaborado com base em princípios metodológicos que asseguram a coleta de dados consistentes sobre as percepções e práticas dos participantes em relação ao tema investigado. As perguntas foram organizadas de modo a garantir clareza e objetividade, combinando questões abertas e fechadas, o que possibilitou uma análise mais abrangente e detalhada dos resultados (Paiva, 2019). Dessa forma, a pesquisa buscou seguir tais orientações, priorizando a construção de um ambiente de diálogo que permitisse aos participantes expressar livremente suas experiências, percepções e significados acerca do tema, sem perder de vista os objetivos centrais do estudo.

O questionário semiestruturado aplicado aos participantes conteve perguntas abertas sobre o histórico de imigração, os desafios enfrentados, o aprendizado da língua portuguesa, a integração na comunidade e aspectos da vida cotidiana. A elaboração do questionário seguiu diretrizes voltadas à coleta de dados qualitativos, permitindo explorar com profundidade as percepções e experiências dos imigrantes. As perguntas foram divididas em seis eixos, como pode ser visto no Apêndice A: histórico de imigração; processo de chegada e primeiros desafios; aprendizagem de português; integração e acolhimento; inserção no mercado de trabalho; e vida cotidiana e oportunidades.

Além disso, o questionário semiestruturado foi o principal instrumento de coleta de dados, sendo complementado por entrevistas em grupo focal com quatro participantes do sexo feminino, selecionadas com o intuito de aprofundar as informações obtidas. Posteriormente, realizou-se também uma entrevista individual com uma das participantes, escolhida por sua comunicação articulada e por exercer

um papel de liderança na comunidade local. Essa participante, responsável pela organização de uma ONG em São Sebastião voltada ao acolhimento de imigrantes, constituiu-se em uma fonte valiosa para compreender as práticas de inclusão, acolhimento e integração sociocultural desenvolvidas no contexto da pesquisa.

### **3.2 Corpus**

O corpus desta pesquisa é composto por quatro participantes do sexo feminino, imigrantes e refugiadas residentes na Região Administrativa de São Sebastião, Distrito Federal, atendidas por uma organização não governamental atuante na localidade. A seleção dos participantes foi realizada por meio de amostragem intencional, conforme descrito por Paiva (2019), que destaca a importância de considerar a diversidade de nacionalidades, faixas etárias, níveis de proficiência em língua portuguesa, bem como a disponibilidade e o envolvimento dos participantes no contexto investigado. Essa abordagem permite uma análise mais rica e representativa das experiências e percepções dos indivíduos em relação ao tema estudado. Ainda segundo Paiva (2019), é preciso também ter sensibilidade para interpretar os dados e, muitas vezes, ir além das palavras para entender o que o narrador está de fato querendo nos dizer.

A heterogeneidade do grupo buscou contemplar diferentes trajetórias migratórias e contextos de inserção social, a fim de permitir uma compreensão mais ampla e representativa das experiências e dos desafios enfrentados pelos imigrantes na região. Como mencionado, inserida em uma abordagem qualitativa, esta pesquisa valeu-se de entrevistas semiestruturadas e observações como principais instrumentos de coleta de dados, possibilitando uma análise aprofundada das vivências dos participantes e contribuindo para a identificação de suas necessidades no processo de acolhimento e integração sociolinguística.

Para preservar a identidade das participantes, optou-se pelo uso de pseudônimos inspirados em nomes de flores: Violeta, Melissa, Jasmim e Margarida. Essa escolha, além de garantir o anonimato, simboliza também a pluralidade de trajetórias, vivências e processos de enraizamento no novo território, considerando que cada uma delas carrega histórias e experiências singulares, assim como flores que brotam e se adaptam a diferentes solos.

A seguir, iniciamos a discussão dos resultados, que emergem das entrevistas realizadas com as quatro participantes — Violeta, Melissa, Jasmim e Margarida —, cujos relatos revelam diferentes dimensões do processo migratório e das estratégias de (re)construção de pertencimento em São Sebastião. As narrativas permitem compreender não apenas os motivos que impulsionaram a migração, mas também os desafios enfrentados no cotidiano e as formas de acolhimento encontradas na nova comunidade.

#### **4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS**

A partir da análise das entrevistas, iniciamos a discussão das respostas das participantes. Observou-se que Violeta, por estar há mais tempo no Brasil, apresenta maior domínio da língua portuguesa e já tem experiência com entrevistas, expressou-se de forma mais desenvolvida e detalhada. Por essa razão, optamos por destacar mais trechos de sua fala neste trabalho, sem, contudo, desconsiderar ou minimizar as contribuições das demais entrevistadas. As outras participantes, por possuírem menor familiaridade com o português, mostraram-se mais reservadas em suas respostas, o que também reflete suas diferentes trajetórias de adaptação e experiências linguísticas.

Para entender o histórico de migração das participantes da pesquisa, iniciamos com a pergunta: *“Há quanto tempo você está no Brasil?”*. Buscou-se compreender o tempo de permanência de cada uma no país e como esse fator influencia sua relação com a língua e com o processo de acolhimento. Obtivemos diferentes respostas, Violeta está no Brasil há sete anos, Jasmin há cinco anos, Melissa há quatro anos e Margarida a um ano e oito meses. O tempo de permanência no Brasil parece influenciar diretamente o nível de integração social e cultural dos imigrantes. As participantes com mais tempo no país, como é o caso de Violeta, Jasmim e Melissa, demonstram maior familiaridade com a língua e a cultura local, enquanto aquela com menos tempo ainda enfrenta desafios significativos de adaptação.

Esses achados dialogam diretamente com os dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), que apontam que o Brasil voltou a ocupar, nesta década, uma posição de destaque nas rotas migratórias globais após quase meio século afastado desses fluxos. Segundo o órgão, o país tem se tornado cada

vez mais um destino de interesse para pessoas em situação de deslocamento, por reunir fatores de atração econômica, social e humanitária. Em 2025, registou-se um aumento expressivo no número de imigrantes com residência no país: segundo dados do OBMigra (2025), houve um acréscimo de 8,9% em relação ao mês de agosto, corroborando a intensificação dos fluxos migratórios recentes. Entretanto, esses indicadores quantitativos adquirem maior profundidade interpretativa quando articulados às narrativas dos próprios imigrantes, cujas experiências revelam os desafios enfrentados na adaptação, às barreiras linguísticas, culturais e sociais, bem como as estratégias de integração e pertencimento em suas novas comunidades.

Nesse sentido, o depoimento de Margarida, colhido quando perguntado “Como vocês descreveriam a integração de vocês na comunidade de São Sebastião?”, oferece elementos importantes para compreender os desafios vivenciados no processo de adaptação. Margarida, que está no Brasil há um ano e oito meses, relata que, apesar do curto período de permanência, já enfrentou situações marcantes desde sua chegada durante a pandemia, incluindo a travessia por rotas não oficiais (“passei por Troja”). Esse percurso evidencia a complexidade inicial do processo migratório, caracterizado pela entrada em um território desconhecido, com normas, práticas culturais e burocracias distintas — cenário comum à maioria dos migrantes.

Além disso, emergem de seu relato e do de Melissa experiências explícitas de xenofobia: “Eu tive problemas no aeroporto”, afirmou Melissa, ao que Margarida acrescentou: “E um pouco de xenofobia, né?”. Esses episódios reforçam que a etapa de chegada ao país frequentemente é atravessada por discriminação, contribuindo para a vulnerabilidade social dos recém-chegados.

A percepção das participantes encontra respaldo quando Bógus e Fabiano (2015, p. 133), afirmam que “existe no Brasil uma proliferação de manifestações ofensivas, racistas e xenófobas dirigidas aos imigrantes e refugiados, seja com ataques à sua integridade física ou por mensagens pelas redes sociais, principalmente destinadas aos negros, africanos e sul-americanos”. Os autores destacam ainda que imigrantes em situação de irregularidade tendem a não procurar órgãos de proteção, como a Polícia, o Ministério Público ou os Consulados, por medo de represálias, permanecendo assim em condição de alta vulnerabilidade. Desse modo, o relato de Margarida não apenas ilustra as dificuldades iniciais de

integração, mas também dialoga diretamente com análises acadêmicas que apontam a persistência de práticas xenófobas no contexto brasileiro.

Outro aspecto relevante abordado nas entrevistas foi o motivo da migração, que revela não apenas as circunstâncias pessoais, mas também os contextos sociopolíticos que impulsionam o deslocamento. Foi perguntado a elas *“qual foi o principal motivo que levou você a deixar o seu país?”* A resposta de Violeta foi a seguinte:

No início, tivemos uma urgência familiar: meu filho estava com câncer. Eu era funcionária pública há 20 anos, engenheira, e vivíamos bem, mas a saúde pública da Venezuela estava em colapso. O tratamento dele não avançava, e não havia recursos. Então, decidimos sair do país em busca de atendimento médico adequado.

Violeta relatou que deixou seu país “em busca de tratamento médico para o filho”, evidenciando uma migração forçada por questões de saúde pública. Já Jasmim e Melissa mencionaram a crise econômica como fator determinante para a saída de seus países, enquanto Margarida destacou: “A economia. E para o meu filho, estudar. É muito difícil na universidade lá”. Esses relatos demonstram que, embora os motivos variem, todos estão relacionados à busca por dignidade, segurança e melhores condições de vida.

Esses relatos dialogam diretamente com a análise de Moreira (2014, p. 85), segundo a qual:

Os refugiados são considerados migrantes internacionais forçados, que cruzam as fronteiras nacionais de seus países de origem em busca de proteção. Eles fogem de situações de violência, como conflitos internos, internacionais ou regionais, perseguições em decorrência de regimes políticos repressivos, entre outras violações de direitos humanos. Questões étnicas, culturais e religiosas, desigualdade socioeconômica, altos níveis de pobreza e miséria e, sobretudo, instabilidade política estão no cerne dos fatores que levam às migrações de refugiados.

Nesse sentido, os relatos das participantes não apenas ilustram o que Moreira discute, como também reforçam que, mesmo quando não se enquadram formalmente na categoria jurídica de “refugiados”, muitas mulheres migrantes vivenciam processos de deslocamento atravessados por pressões estruturais que configuram formas de migração forçada.

Em seguida, para esclarecer o segundo eixo do nosso questionário, sobre o processo de chegada e os primeiros desafios, percebemos que o processo de

chegada ao Brasil se mostrou desafiador para todas as participantes. Perguntamos “*Como foi a chegada de vocês ao Brasil?*”, Violeta contou que “passou por diversas cidades até encontrar acolhimento em Brasília” e ainda acrescentou:

A maioria dos venezuelanos vêm de ônibus ou carro. Nós viemos de ônibus até a fronteira de Santa Elena de Uairén e seguimos até Pacaraima. De lá, fomos para Boa Vista, em Roraima, que é a cidade de acolhimento inicial dos migrantes. Fiquei dois meses em Boa Vista, buscando um hospital com oncologia infantil. Enviei relatórios e pedidos a vários lugares, até que Brasília foi o primeiro hospital que respondeu: “Nós podemos ajudar”. Então, viemos para cá.

Enquanto isso, Melissa e Margarida enfrentaram dificuldades com a comunicação e com a obtenção de documentos. Melissa resume: “Foi difícil!”. Margarida complementa: “Eu pedia uma coisa e me davam outra!”. Melissa, rindo, recorda: “Eu pedi uma empanada e me deram uma garrafa de água!”. Já Jasmim destacou que sua adaptação inicial foi facilitada pela rede de apoio familiar que já se encontrava no país.

Essas experiências evidenciam que o suporte institucional e comunitário desempenha papel decisivo na vivência migratória, influenciando diretamente o sentimento de acolhimento e pertencimento. Entretanto, elas também revelam limitações e fragilidades estruturais que produzem barreiras adicionais. Nesse sentido, a análise das falas das participantes dialoga diretamente com o que aponta Moreira (2014, p. 95) a respeito de muitos dos desafios enfrentados pelos refugiados que se relacionam a problemas estruturais do próprio país, mas, por se tratar de uma população estrangeira, tais dificuldades são intensificadas. Conforme observa a autora, a associação recorrente dos refugiados à ideia de “fugitivos” e o desconhecimento geral da população brasileira acerca de quem são esses sujeitos constituem obstáculos importantes aos processos de integração social, cultural e econômica, inclusive no acesso ao mercado de trabalho.

Assim, ao observarmos as experiências relatadas por Violeta, Melissa, Margarida e Jasmim, fica evidente que as limitações no acolhimento inicial, as barreiras linguísticas, a burocracia documental e o desconhecimento social sobre a realidade migrante reforçam os empecilhos para a efetivação de direitos no Brasil. As falas das entrevistadas, portanto, reafirmam a necessidade, também destacada por Moreira, de aprimorar o apoio institucional e de conferir maior efetividade às estruturas voltadas à integração local.

Os relatos também apontam as principais dificuldades enfrentadas ao chegar ao Brasil. *Quais foram os maiores desafios que vocês enfrentaram ao chegar aqui?*

Violeta mencionou:

O primeiro foi o idioma. Eu saí da Venezuela “às cegas”, movida apenas pela urgência de salvar meu filho. Nem cheguei a pesquisar qual era a língua do Brasil. Quando cheguei à fronteira, percebi que não entendia nada. Felizmente, os militares e voluntários treinados para lidar com migrantes conseguiram compreender minha situação. Além do idioma, a cultura e a gastronomia são muito diferentes. O choque cultural é grande, e o idioma limita muito no início.

Para Margarida, documentação, transporte, xenofobia e aprender português foram os maiores desafios, enquanto Melissa destacou “estar no abrigo e conviver com muitas pessoas que não conhecia”. Tais experiências evidenciam que as barreiras enfrentadas não se limitam à comunicação, mas abrangem também aspectos sociais e culturais, indicando a necessidade de políticas públicas mais amplas e integradas que favoreçam a adaptação inicial dos imigrantes.

Nesse sentido, as dificuldades relatadas pelas participantes dialogam diretamente com os achados de Bógus e Fabiano (2015, p. 133–134). A pesquisa realizada pelo IPEA em parceria com o Ministério da Justiça identificou quatro obstáculos centrais vivenciados pelos imigrantes no Brasil: o idioma, a documentação (ou sua ausência), o acesso à informação e o acesso ao mercado de trabalho formal.

Além desses elementos, o estudo também apontou outras necessidades estruturais, como:

- maior coordenação entre os diferentes órgãos públicos responsáveis pela política migratória;
- implementação de diretrizes centralizadas que ofereçam uniformidade às ações de atendimento e proteção aos imigrantes;
- adoção de uma perspectiva de proteção integral que contemple tanto direitos migratórios quanto direitos humanos;
- ampliação de recursos humanos e financeiros destinados às políticas migratórias;
- capacitação de profissionais que atuam diretamente com a temática migratória, especialmente em temas relacionados aos direitos humanos. (Bógus e Fabiano, 2015, p. 134)

Assim, tanto os relatos das participantes da pesquisa quanto os estudos institucionais convergem para o reconhecimento de que o processo de chegada ao

Brasil envolve múltiplos desafios que exigem respostas articuladas, sensíveis e efetivas.

Buscando responder ao terceiro eixo, aprendizagem de português, foram feitas duas perguntas: *“Vocês participaram de algum curso de Português como Língua de Acolhimento (PLAc)? Como foi a experiência? Quais foram as maiores dificuldades que vocês encontraram ao aprender português?”*. Violeta disse:

Sim. Quando cheguei em Brasília, havia muitos cursos de português oferecidos por instituições. Participei de alguns, mas não consegui concluir por causa do tratamento do meu filho. Antes havia várias oportunidades — hoje, a maioria é online, o que dificulta para quem não tem acesso a celular ou internet.

Em seguida, Violeta respondeu à segunda pergunta da seguinte forma:

A diferença entre o que se aprende na gramática e o que se fala no dia a dia. As gírias, principalmente. Os brasileiros usam muitas expressões regionais. Uma vez, num curso, eu disse que estava atrasada porque havia “muito tráfico”, querendo dizer “muito trânsito” e todos riram. Também teve o dia em que elogiei a comida dizendo que estava “esquisita”. Na Venezuela, “esquisito” significa “muito gostoso”. A cozinheira ficou ofendida e passou três dias sem falar comigo, até que alguém explicou. Hoje a gente ri disso.

A questão linguística apareceu como uma das principais barreiras enfrentadas no início da estadia. Jasmim relatou que “só com gestos, escutando e tentando repetir as palavras” conseguia se comunicar, enquanto Violeta disse que “buscava no Google e mostrava imagens” para conseguir expressar suas necessidades. Com o passar do tempo, as duas conseguiram maior fluência na língua portuguesa, embora ainda enfrentem dificuldades com expressões regionais e gírias. Melissa e Margarida, que estão no Brasil há quatro anos e um ano e oito meses, respectivamente, por outro lado, ainda relatam confusões linguísticas e dependência de tradutores digitais. Todos mencionaram ter participado de cursos de PLAc, mas os relatos indicam limitações na oferta e na qualidade desses cursos. Segundo Grosso (2010, p. 66), seja qual for a razão (política, econômica, familiar ou outra), quem chega precisa de agir linguisticamente de forma autônoma, num contexto que não lhe é familiar.

Violeta observou que “participei de dois, foram muito básicos”, e Melissa acrescentou: “já fiz um curso de português aqui em São Sebastião”. Esses relatos revelam que, embora existam iniciativas importantes na região, como a oferta do

curso de português pelo Centro Interescolar de Línguas (CIL) de São Sebastião, prevista recentemente pela Portaria nº 94<sup>13</sup>, de 27 de janeiro de 2025, estabelece diretrizes para a oferta de cursos de PLAc no Distrito Federal e ainda há uma oferta limitada de cursos de português que atendam de forma contínua, abrangente e adequada às necessidades dos imigrantes. De acordo com o Art. 5º, § 2º, que diz que a implementação inicial do curso deve ocorrer nos Centros Interescolares de Línguas (CILs) localizados nas Regiões Administrativas com maior demanda de estudantes imigrantes, especificamente: Brasília (Plano Piloto), São Sebastião, Taguatinga, Ceilândia e Samambaia.

Diante desse cenário, abre-se um espaço para refletirmos sobre como diferentes instituições públicas podem atuar de forma complementar no fortalecimento das políticas linguísticas locais. Nesse contexto, o Instituto Federal de Brasília – Campus São Sebastião surge como um parceiro potencial, considerando sua infraestrutura, sua atuação comunitária e a presença de profissionais qualificados.

Assim, mais do que atribuir responsabilidades, a análise aponta para a possibilidade de um diálogo interinstitucional, no qual o IFB poderia, caso haja interesse e viabilidade, integrar-se às ações já existentes e contribuir para a ampliação de oportunidades formativas por meio de um curso de Português como Língua de Acolhimento (PLAc). Trata-se de reconhecer que a construção de políticas linguísticas eficazes exige esforços compartilhados e colaboração contínua entre os diferentes agentes educacionais e sociais do território.

Como afirma Lôpo Ramos (2021, p. 245), a aprendizagem da língua do país de chegada é urgente para pessoas em situação de imigração, pois constitui condição fundamental para que possam exercer plenamente sua cidadania com acesso ao trabalho, à educação, à saúde e à segurança, garantindo-lhes dignidade, e não apenas uma forma de sobrevivência.

Nessa perspectiva, Papademetriou (2004, p. 9, *apud* Cabete 2010, p. 45) ressalta que a imigração “implica mudanças, e mudanças muito rápidas”, evidenciando que nossas sociedades estão se transformando em ritmo acelerado,

---

<sup>13</sup> DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Portaria nº 94, de 27 de janeiro de 2025. Institui diretrizes para a oferta de cursos nos Centros Interescolares de Línguas – CIL do Distrito Federal. Disponível em: [https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/2e7621fb8f4546f086207ef06cadd870/Portaria\\_94\\_27\\_01\\_2025.html](https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/2e7621fb8f4546f086207ef06cadd870/Portaria_94_27_01_2025.html). Acesso em: 05 de outubro de 2025

mais do que em qualquer outro momento nos últimos cem ou cento e cinquenta anos. Assim, torna-se evidente que a aprendizagem da língua não é apenas instrumento de comunicação, mas elemento central de integração, participação social e construção de pertencimento no novo território.

A integração na comunidade local também foi um ponto recorrente nas falas das entrevistadas. Para responder ao quarto eixo da nossa entrevista, integração e acolhimento, foram feitas três perguntas: *Como vocês descreveriam a integração de vocês na comunidade de São Sebastião? Vocês se sentiram acolhidos pela comunidade local? Podem compartilhar algum exemplo? Quais foram as iniciativas ou ações que mais contribuíram para a adaptação de vocês?*

Violeta afirmou que “as pessoas aqui na cidade são muito acolhedoras e incluem as pessoas, mesmo que não entendam espanhol”, enquanto Jasmim relatou: “Desde que chegamos, fomos muito acolhidos. Me senti como em casa”. Essas experiências reforçam a percepção de que a receptividade da população de São Sebastião desempenha papel importante na construção de vínculos afetivos e sociais. Contudo, ainda que o acolhimento comunitário represente um elemento central no processo de adaptação, ele não elimina a necessidade de políticas públicas estruturadas que garantam acesso à informação, aos serviços básicos e ao mercado de trabalho. Nesse sentido, corroboramos a reflexão de Moreira (2014, p. 93), ao afirmar que:

A integração local, como já indicado, constitui um processo complexo que abrange múltiplos fatores, entre os quais socioeconômicos, culturais e políticos. É preciso propiciar ao refugiado oportunidades de emprego, moradia, aprendizado da língua, utilização de serviços públicos — especialmente de saúde e educação. Outro ponto fundamental se refere à construção de relações sociais com os membros da comunidade local.

Assim, embora a comunidade exerça um papel acolhedor importante, sua ação precisa estar articulada a políticas institucionais e estratégias de inclusão mais amplas, capazes de garantir uma integração efetiva, duradoura e equitativa.

Quanto ao aspecto profissional, quinto eixo do questionário, as entrevistadas revelaram diferentes estágios de inserção. Foi perguntado: *Vocês conseguiram emprego? Foi difícil encontrar trabalho? Participaram de algum curso profissionalizante? Como foi a experiência?*

Violeta, além de participar de um curso no IFB, relatou que já fez muitos cursos:

Realmente, eu fiz uns 20, mais ou menos. Sim, é porque eu faço curso com a visão de formar algum projeto nessa área. A maior parte dos projetos que a gente é formado é porque eu faço o curso e multiplico através do projeto. E aí a gente deixa andando. Então, eu tenho em mente que a gente consegue trabalhar a floricultura através das pessoas adultas que não têm como trabalhar. Então, já na floricultura, o foco que eu entrei foi para ver se tem a viabilidade de um projeto para pessoas de mais de 60 anos que a gente possa integrar na área da floricultura.

Já Margarida e Melissa relataram que participam dos cursos do Qualifica<sup>14</sup>, embora Margarida ainda não possa trabalhar por receber o Benefício de Prestação Continuada (BPC). Jasmim, por sua vez, afirmou que “já faz um ano que trabalha” e que concluiu “três cursos: eletricidade fotovoltaica, assistente administrativo e serviços gerais”. Melissa, apesar de estar há quatro anos no Brasil, explicou que ainda enfrenta dificuldades de comunicação em língua portuguesa e, por limitações legais, não pode exercer atividades formais, mas busca alternativas por meio de ações sociais e cursos profissionalizantes. Violeta expressou o desejo de “retomar a área de atuação como engenheira de informática”, evidenciando que a revalidação de diplomas e o reconhecimento profissional seguem sendo desafios significativos para pessoas migrantes.

Essas narrativas evidenciam ainda outro aspecto central: para se incluírem profissionalmente, muitos imigrantes precisam realizar inúmeros cursos no país de acolhimento, mesmo quando já possuíam formação sólida em seus países de origem. Frequentemente, as qualificações prévias não são reconhecidas ou não têm aplicabilidade direta no novo contexto, obrigando-os a reiniciar trajetórias formativas, acumular certificados e adaptar-se às demandas locais. Essa realidade dialoga diretamente com a reflexão de Cabete (2010), que destaca o papel determinante da língua de acolhimento no processo de inserção profissional. Como afirma a autora:

No que se refere à questão profissional, o domínio da língua torna-se incontornável. Pois, ao tentarem encontrar trabalho, já por diversas vezes se sentiram prejudicados por não serem proficientes. Possivelmente, o domínio da língua torna-se, em alguns casos, um critério de exclusão. Após terem encontrado trabalho, este acaba por ser o local onde mais utilizam o português, devido à necessidade que se impõe de comunicar com os seus pares e outros. Além de todas estas situações, já de si relevantes, há ainda

---

<sup>14</sup> O QualificaDF é uma iniciativa da SEDET-DF voltada à capacitação e inserção profissional. O Programa garante infraestrutura completa, com salas e laboratórios preparados, além de benefícios como kit educacional, uniforme, lanche diário, certificado de conclusão e orientação profissional. QUALIFICA DF. Qualifica DF – Conectando conhecimento a novas realidades. Programa da SEDET-DF. Disponível em: <https://www.qualificadf.com.br/>. Acesso em: 19 nov. 2025.

a consciência de que a aprendizagem da língua lhes permitirá melhorar a sua situação profissional. O conjunto de todas estas situações conduz à conclusão de que a aprendizagem da língua de acolhimento é indispensável para a melhoria das condições de vida da comunidade imigrante. (Cabete, 2010, p. 107)

A autora reforça, portanto, o que emergiu nos depoimentos: aprender a língua do país de acolhimento não é apenas uma demanda educacional, mas uma condição fundamental para a conquista de melhores oportunidades de trabalho, autonomia e qualidade de vida.

Para responder ao último eixo do questionário, referente à vida cotidiana e às oportunidades, perguntamos às participantes: *“Como tem sido a vida cotidiana de vocês?”*. As respostas revelaram diferentes formas de adaptação às rotinas brasileiras, aos hábitos culturais e às responsabilidades familiares. Violeta e Jasmim destacaram que, com o tempo, passaram a sentir-se mais seguras e confortáveis com o ritmo da cidade e com as interações cotidianas, especialmente nas relações com vizinhos e colegas de trabalho. Melissa, por sua vez, mencionou que ainda enfrenta dificuldades com o transporte público e com a falta de tempo para o lazer. Já Margarida ressaltou que sua rotina é fortemente marcada pelos cuidados com os filhos e pela busca por oportunidades de estudo e profissionalização.

Esses relatos evidenciam que a vida cotidiana constitui um espaço fundamental de integração cultural e de construção de pertencimento, no qual as práticas diárias contribuem para o fortalecimento da identidade e da autonomia das imigrantes. No entanto, tais experiências também dialogam com o quadro mais amplo descrito por Bógus e Fabiano (2015), que ressalta as contradições entre a imagem internacional do Brasil como país acolhedor e os desafios concretos encontrados pelos imigrantes e refugiados. Como afirmam os autores:

A maioria da sociedade brasileira os aceita, acreditando que seja possível fazer algo para ajudá-los, mesmo diante do momento crítico enfrentado pela economia e pela política. Ainda assim, apesar do Brasil ser internacionalmente reconhecido como um país acolhedor, por sua capacidade de abrigar diferentes culturas, os refugiados encontram muitas dificuldades para se integrar à sociedade brasileira. Geralmente, os obstáculos iniciais estão relacionados ao idioma português e às questões culturais, além dos problemas comuns aos brasileiros que também são enfrentados pelos refugiados, como dificuldades no mercado de trabalho, ao acesso à educação superior e aos serviços públicos de saúde e moradia. Além disso, o preconceito existente, antes disfarçado, deixou de ser tímido e

passou a se manifestar de forma aberta e hostil. (Bógus e Fabiano, 2015, p. 135)

A partir dessa perspectiva, percebe-se que, embora as participantes demonstrem avanços importantes em suas trajetórias cotidianas, elas também se inserem em um contexto marcado por barreiras estruturais que atravessam a experiência migratória no Brasil, reforçando a necessidade de políticas públicas efetivas e contínuas de acolhimento e integração.

De modo geral, a análise das entrevistas evidencia que o tempo de permanência no Brasil exerce influência direta sobre o nível de integração social e cultural das participantes. Aquelas que estão no país há mais tempo demonstram maior familiaridade com a língua portuguesa e com os costumes locais, ao passo que as recém-chegadas ainda enfrentam desafios significativos de adaptação. As falas de Violeta, Jasmim, Melissa e Margarida revelam que a migração ultrapassa a dimensão do deslocamento físico, configurando-se como um processo contínuo de reconstrução identitária, mediado pela linguagem, pelas relações sociais e pelo acesso a direitos fundamentais.

E embora alguns desses elementos já tenham sido amplamente discutidos na academia sobre migração, o presente estudo contribui ao trazer um olhar específico para a realidade periférica de São Sebastião. Trata-se de uma vertente ainda pouco explorada, que permite observar, de forma mais próxima, como esses processos se materializam em contextos urbanos marcados por vulnerabilidades sociais e pela presença crescente de imigrantes.

Em seguida passamos às considerações finais do trabalho, na qual iremos discorrer sobre o atendimento dos objetivos do trabalho, as contribuições deste trabalho para a área, as limitações da pesquisa e os possíveis desdobramentos do tema em novas pesquisas na área.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, discutimos questões sobre o papel do português como língua de acolhimento na integração de imigrantes na comunidade de São Sebastião, abordando as barreiras linguísticas enfrentadas, a percepção dos imigrantes sobre o acolhimento recebido e a importância do domínio do idioma para a inserção no mercado de trabalho. Por meio de entrevistas e análise qualitativa, foi possível

compreender as experiências e desafios dos imigrantes, evidenciando como o aprendizado do português contribui para a inclusão social, profissional e cultural, além de fortalecer o senso de pertencimento e identidade na comunidade. Dessa forma, o estudo alcança plenamente seus objetivos ao oferecer uma reflexão consistente sobre as dinâmicas de acolhimento e integração em São Sebastião, contribuindo para o debate acadêmico e para o aprimoramento de políticas públicas que valorizem a pluralidade linguística e promovam uma comunidade mais inclusiva e democrática.

A questão do acolhimento de imigrantes em São Sebastião levanta preocupações profundas: há de se pensar também na empatia que a sociedade deve demonstrar. É fundamental questionar se as autoridades locais estão realmente comprometidas em ver além de números e estatísticas, tratando essas pessoas como seres humanos com histórias, sonhos e desafios. O acolhimento não deve se restringir a fornecer abrigo ou assistência básica; é necessário um olhar atento às necessidades emocionais e sociais desses indivíduos. Atitudes que buscam o acolhimento não se limitam à preocupação com o bem-estar dos imigrantes, implica em criar um ambiente que promova a inclusão, o respeito e a dignidade, permitindo que eles se sintam parte da comunidade. Portanto, é essencial que São Sebastião não apenas reconheça a presença dos imigrantes, mas também atue de maneira proativa para garantir que suas vozes sejam ouvidas e suas necessidades atendidas.

A chegada de imigrantes pode ter várias implicações para a comunidade local. Por um lado, pode contribuir para uma maior diversidade linguística, cultural e étnica, promovendo a troca de ideias e conhecimentos entre os residentes locais e os novos chegados. Essa diversidade pode ser vista como uma oportunidade para aprender e crescer juntos, criando uma comunidade mais inclusiva e aberta à diversidade. Por outro lado, a chegada de um grande número de imigrantes também pode trazer desafios, especialmente em termos de integração social, acesso a serviços básicos, como saúde e educação, e oportunidades de emprego. É importante que as autoridades locais e a comunidade em geral estejam preparadas para receber esses novos membros da sociedade e garantir que eles tenham acesso aos recursos necessários para uma vida digna e produtiva.

Além disso, conforme mencionado, a chegada de imigrantes pode estimular o desenvolvimento econômico local, especialmente se esses novos residentes

contribuírem para a força de trabalho e para o empreendedorismo na região. Portanto, é essencial que sejam criados programas e políticas que apoiem a integração e o bem-estar desses imigrantes, ao mesmo tempo em que promovam a coesão social e o desenvolvimento sustentável da comunidade como um todo.

Destacamos também a importância de se reconhecer e fortalecer a área de Português como Língua de Acolhimento, o PLAc, especialmente diante do aumento da imigração e da diversidade linguística nas cidades brasileiras, sobretudo na cidade de São Sebastião, Distrito Federal. O IFB, com seu desejo de “ser uma ferramenta estruturante para o exercício da cidadania, para o desenvolvimento da ciência e para o fomento à cultura e ao trabalho”<sup>15</sup> da comunidade local, desempenha papel fundamental para a inserção dos migrantes na comunidade local e no mercado de trabalho.

Vale lembrar que o acolhimento de estrangeiros nessa região pode ter diversas implicações relacionadas ao ensino de língua portuguesa, considerando a diversidade de conceitos e terminologias associadas ao ensino dessa língua.

Portanto, é fundamental que as autoridades locais, instituições educacionais e professores estejam cientes dessas questões e trabalhem em conjunto para desenvolver políticas e programas eficazes que promovam o ensino de língua portuguesa como língua de acolhimento de forma inclusiva e abrangente, levando em consideração a diversidade de conceitos e necessidades das pessoas estrangeiras em São Sebastião.

Como toda pesquisa de natureza qualitativa e exploratória, este estudo apresenta algumas limitações que merecem ser destacadas. Entre elas, estão o recorte temporal reduzido e o número restrito de participantes, decorrentes do pouco tempo disponível para a realização das entrevistas e da dificuldade em alcançar um público mais amplo. Além disso, os dados demográficos disponíveis ainda são limitados e não refletem com total precisão a complexidade da presença imigrante na região de São Sebastião, o que indica a necessidade de investigações complementares e de maior duração, que possam abranger diferentes perspectivas e contextos.

Para pesquisas futuras, este trabalho abre caminho para novas possibilidades de investigação. Seria relevante, por exemplo, incluir a participação

---

<sup>15</sup>Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/reitori/sobre-o-ifb>. Acesso em: 13 nov. 2025

de homens imigrantes, de modo a compreender suas experiências e percepções em relação ao processo de acolhimento. Outra vertente importante seria investigar o ponto de vista da comunidade local, buscando entender suas atitudes, recepções e interações com os refugiados e imigrantes recém-chegados. Além disso, estudos voltados para crianças e adolescentes, especialmente filhos de imigrantes inseridos no ambiente escolar, poderiam contribuir para uma compreensão mais ampla das dinâmicas de integração, identidade e pertencimento.

As possibilidades de aprofundamento são inúmeras, demonstrando que o campo do ensino de português como língua de acolhimento e das práticas culturais associadas à imigração continua fértil e relevante. Assim, esta pesquisa se encerra, mas também se abre para novos caminhos e olhares sobre a diversidade linguística, cultural e humana que constitui o cenário brasileiro contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

ACNUR — CONHEÇA a estratégia que já transformou a vida de 50 mil refugiados e migrantes venezuelanos no Brasil. ACNUR Brasil, 20 abr. 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2021/04/20/conheca-a-estrategia-que-ja-transformou-a-vida-de-50-mil-refugiados-e-migrantes-venezuelanos-no-brasil/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

ACNUR — DADOS sobre refugiados no Brasil. UNHCR ACNUR Brasil, [s.d.]. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugiados/dados-sobre-refugiados-no-brasil/>. Acesso em: 3 mar. 2025.

ACNUR — BRASIL reconheceu mais de 65 mil refugiados (2023) ACNUR, 20 jun. 2023. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2023/06/20/brasil-reconheceu-mais-de-65-mil-pessoas-como-refugiadas-ate-2022/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. O ensino de português como língua não-materna: concepções e contextos. Disponível em: <http://museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/ENSINO-COMO-LINGUA-NAO-MATERNA.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2025.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Ensino de português língua estrangeira/EPL: a emergência de uma especialidade no Brasil. In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (Orgs.). Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 723-728. Disponível em: [SciELO Books. ISBN 978-85-232-1230-8](#). Acesso em: 15 de outubro de 2025.

AGÊNCIA BRASÍLIA. Inclusão de imigrantes e refugiados leva São Sebastião ao Vale do Silício. Brasília, 7 nov. 2022. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2022/11/07/inclusao-de-imigrantes-e-refugiados-leva-sao-sebastiao-ao-vale-do-silicio/>. Acesso em: 31 de outubro de 2024.

BAENINGER, Rosana. Governança das migrações: migrações dirigidas de venezuelanos e venezuelanas no Brasil. In: BAENINGER, Rosana ; JAROCHINSKI-SILVA, J.C. (Org.). Migrações Venezuelanas Campinas: Nepo-Unicamp, 2018. p. 135-138. Disponível em: [https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mig\\_venezuelanas/migracoes\\_venezuelanas.pdf](https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mig_venezuelanas/migracoes_venezuelanas.pdf). Acesso em: 13 de Outubro de 2025.

BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção; SÃO BERNARDO, Mirelle Amaral de. A importância da língua na integração dos/as haitianos/as no Brasil. Périplos: Revista de Pesquisa sobre Migrações, Brasília (DF), v. 1, n. 1, p. 58-67, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51205>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2025

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Solicitações de Refúgio e Reconhecimentos como Refugiados no Brasil em 2022. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2023/06/20/brasil-reconheceu-mais-de-65-mil-pessoas-como-refugiadas-ate-2022/#:~:text=Bras%C3%ADlia%2C%2020%20de%20jun>

ho%20de.refugiadas%20pelo%20Brasil%20em%202022. Acesso em: 24 de setembro de 2024.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Sistema Nacional de Acolhimento a Imigrantes (SNAI). Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mj.gov.br>. Acesso em: 23 fev. 2025.

BÓGUS, Lucia Maria M.; FABIANO, Maria Lucia Alves. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. In: Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, v.4, p. 126-145, 2015. Disponível em: [https://kidsempowerment.org/wp-content/uploads/2021/03/1-3\\_O-brasil-como-destino.pdf](https://kidsempowerment.org/wp-content/uploads/2021/03/1-3_O-brasil-como-destino.pdf). Acesso em: 10 nov de 2025.

CABETE, Marta Alexandra Calado Santos da Silva. O processo de ensino-aprendizagem do português enquanto língua de acolhimento. Dissertação de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa – Área de Especialização em Didática do Português Língua Segunda/Língua Estrangeira. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/server/api/core/bitstreams/e4612180-c05b-4c52-91dc-3381a9c9f857/content>. Acesso em: 10 novembro de 2025

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Portaria nº 94, de 27 de janeiro de 2025. Institui diretrizes para a oferta de cursos nos Centros Interescolares de Línguas – CIL do Distrito Federal. Disponível em: [https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/2e7621fb8f4546f086207ef06cadd870/Portaria\\_94\\_27\\_01\\_2025.html](https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/2e7621fb8f4546f086207ef06cadd870/Portaria_94_27_01_2025.html). Acesso em: 05 de outubro de 2025

FERREIRA, J. G. B. O ensino de língua portuguesa para estrangeiros: implicações da pluralidade de conceitos. Rev. Entre Línguas, Araraquara, v. 7, n. esp. 6, e 021143, dez. 2021. e-ISSN: 2447-3529. DOI: Disponível em: <https://doi.org/10.29051/el.v7iesp.6.15423>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2025

FERREIRA JÚNIOR, Hélio. *Inclusão de imigrantes e refugiados leva São Sebastião ao Vale do Silício*. Agência Brasília, 7 nov. 2022. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/w/inclusao-de-imigrantes-e-refugiados-leva-sao-sebastiao-ao-vale-do-silicio>. Acesso em: 5 de outubro de 2025.

GROSSO, Maria Helena. Língua de acolhimento, língua de integração. Horizontes de Linguística Aplicada, v. 9, n. 2, p. 61-77, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/886>. Acesso em: 10 de nov. 2025

G1 — BRASIL simplifica documentação exigida para venezuelanos que solicitarem autorização de residência no país. G1, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/25/brasil-simplifica-documentacao-exigida-para-venezuelanos-que-solicitarem-autorizacao-de-residencia-no-pais.ghtml>. Acesso em: 23 ago. 2025.

G1 — ONG que acolhe venezuelanos no Brasil diz que 65% dos imigrantes conseguiram trabalho com carteira assinada. G1, 9 dez. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/12/09/ong-que-acolhe-venezuela-nos-no-brasil-diz-que-65percent-dos-imigrantes-conseguiram-trabalho-com-carteira-assinada.ghtml>. Acesso em: 23 mar. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo Demográfico 2020: Resultados Preliminares. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2020: resultados preliminares*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 23 fev. 2025.

INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS (IMDH). *Conheça histórias de venezuelanos que vieram para Brasília em busca de uma vida digna*. Brasília, 26 ago. 2020. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/imdh/conheca-historias-de-venezuelanos-que-vieram-para-brasilia-em-busca-de-uma-vida-digna/>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2025.

JUNGER DA SILVA, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; DE OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro. Refúgio em Números 10ª Edição. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Departamento das Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2025. Disponível em: [https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra\\_2020/OBMIGRA\\_2025/Ref%C3%BAgio\\_em\\_N%C3%BAmeros/Relato%CC%81rio\\_Refu%CC%81gio\\_em\\_Nu%CC%81meros\\_10%C2%AAedpdf.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMIGRA_2025/Ref%C3%BAgio_em_N%C3%BAmeros/Relato%CC%81rio_Refu%CC%81gio_em_Nu%CC%81meros_10%C2%AAedpdf.pdf). Acesso em: 20 out. 2025.

KETZER, L. S. H., SALVAGNI, J., OLTRAMARI, A. P., & MENEZES, D. B. (2018). Imigração, identidade e multiculturalismo nas organizações brasileiras. *Interações*, 19(3), 679-696. DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/inter.v19i3.1673> Acesso em: 03 de março de 2025.

LÔPO RAMOS, Ana Adelina. Língua adicional: um conceito “guarda-chuva”. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 13, n. 01, p. 245-246, fev./abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/rbla.v13i01.37207>. Acesso em: 15 de agosto de 2025

MENEZES, Mariana Matos. Marcas Linguísticas da Imigração na L1. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/5862/2/MARIANAMATOSMENEZES.pdf> Acesso em: 25 de Julho de 2024.

MOREIRA, Julia Bertino. Refugiados no Brasil: reflexões acerca do processo de integração local. Campinas, SP/Brasil. Publicado em 17/09/2014. Aceito para publicação em 11/11/2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880004306>. Acesso em: 05 de outubro de 2025.

RELATÓRIO DA IMIGRAÇÃO NO BRASIL. Análise da Imigração e dos Imigrantes no Brasil. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/mj.gov.br/assuntos/acoes-e-programas/relatorio-da-imigracao-no-brasil>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2025.

OBMIGRA – Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública (Brasil). *Dados consolidados da imigração no Brasil: relatório 2022*. Brasília, DF: OBMIGRA, 2023. Disponível em: [https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra\\_2020/OBMIGRA\\_2023/Dados\\_Consolidados/dados\\_consolidados\\_2022\\_-\\_v\\_19\\_06.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMIGRA_2023/Dados_Consolidados/dados_consolidados_2022_-_v_19_06.pdf). Acesso em: 31 de outubro de 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Manual de pesquisa em Estudos Linguísticos. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019. 160 p. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/download/3178/2285/8987>. Acesso em: 13 de Março de 2025

SZYMANDSKI, Heloísa. A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro, 2002. Disponível em: <https://doceru.com/doc/n8vne1e0>. Acesso em: 10 de outubro de 2025.

VITORINO, António. Coesão social — migração é um benefício que funciona para todos. 18 de dezembro de 2020. Nações Unidas. Disponível em: (<https://brasil.un.org/pt-br/84807-artigo-coes%C3%A3o-social-%E2%80%94-migra%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-um-benef%C3%ADcio-que-funciona-para-todos>). Acesso em: 23 de agosto de 2024.

WARROT, Catarina Vaz. Português Língua de Herança: Realidades e Desafios (Contexto de Ensino Universitário) Portuguese Language Journal, v. 16, American Organization of Teachers of Portuguese, 2022. Disponível em: [<https://doi.org/10.56515/PLJ562476695>](<https://doi.org/10.56515/PLJ562476695>). Acesso em: 10 fevereiro de 2025.

## APÊNDICE A — QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA COM IMIGRANTES E REFUGIADOS

### 1. Histórico de Imigração

Há quanto tempo vocês estão no Brasil?

Qual foi o principal motivo que levou vocês a deixarem seus países?

### 2. Processo de Chegada e Primeiros Desafios

Como foi a chegada de vocês ao Brasil?

Quais foram os maiores desafios que vocês enfrentaram ao chegar aqui?

Vocês receberam algum tipo de assistência ou orientação ao chegar? Se sim, de quem?

### 3. Aprendizagem de Português

Ao chegarem ao Brasil, como vocês faziam para se comunicar?

Vocês participaram de algum curso de Português como Língua de Acolhimento (PLAc)? Como foi a experiência?

Quais foram as maiores dificuldades que vocês encontraram ao aprender português?

### 4. Integração e Acolhimento

Como vocês descreveriam a integração de vocês na comunidade de São Sebastião?

Vocês se sentiram acolhidos pela comunidade local? Podem compartilhar algum exemplo?

Quais foram as iniciativas ou ações que mais contribuíram para a adaptação de vocês?

### 5. Inserção no mercado de trabalho

Vocês conseguiram emprego?

Foi difícil encontrar trabalho?

Participaram de algum curso profissionalizante? Como foi a experiência?

### 6. Vida Cotidiana e Oportunidades

Como tem sido a vida cotidiana de vocês?

Vocês conseguiram emprego? Foi difícil encontrar trabalho?

Participaram de algum curso profissionalizante? Como foi a experiência?

## APÊNDICE B — TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

### Entrevista com Violeta – Imigrante Venezuelana em São Sebastião (DF)

**Entrevistadora:** Bom dia. Meu nome é Rosângela, sou pesquisadora e estou realizando um TCC é uma pesquisa na área de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) para imigrantes que estão chegando à cidade de São Sebastião. Qual é o seu nome?

**Entrevistada:** Meu nome é Violeta. Sou da Venezuela.

**Entrevistadora:** Há quanto tempo você está aqui no Brasil?

**Entrevistada:** Estou aqui há sete anos.

**Entrevistadora:** Qual foi o principal motivo que levou você a deixar o seu país?

**Entrevistada:** No início, tivemos uma urgência familiar: meu filho estava com câncer. Eu era funcionária pública há 20 anos, engenheira, e vivíamos bem, mas a saúde pública da Venezuela estava em colapso. O tratamento dele não avançava, e não havia recursos. Então, decidimos sair do país em busca de atendimento médico adequado.

**Entrevistadora:** Entendo. E como foi a sua chegada ao Brasil?

**Entrevistada:** A maioria dos venezuelanos vêm de ônibus ou carro. Nós viemos de ônibus até a fronteira de Santa Elena de Uairén e seguimos até Pacaraima. De lá, fomos para Boa Vista, em Roraima, que é a cidade de acolhimento inicial dos migrantes. Fiquei dois meses em Boa Vista, buscando um hospital com oncologia infantil. Enviei relatórios e pedidos a vários lugares, até que Brasília foi o primeiro hospital que respondeu: “Nós podemos ajudar”. Então, viemos para cá.

**Entrevistadora:** Você foi direto para São Sebastião?

**Entrevistada:** Não. Primeiro morei por oito meses em Guará II, em uma instituição chamada Abrace, que acolhe crianças com câncer.

**Entrevistadora:** E depois você veio para São Sebastião?

**Entrevistada:** Sim. Na verdade, foi por necessidade. Durante o tratamento do meu filho, eu também adoeci, e no Abrace só podia ficar um responsável com a criança. Com apoio de algumas instituições que trabalham com migrantes, conseguimos trazer meu marido da Venezuela até Brasília. Quando ele chegou, precisávamos sair da instituição, e nos informaram sobre São Sebastião — uma cidade que estava recebendo muitos imigrantes por meio de programas de acolhimento. Então decidimos vir para cá.

**Entrevistadora:** Quais foram os maiores desafios que você enfrentou ao chegar?

**Entrevistada:** O primeiro foi o idioma. Eu saí da Venezuela “às cegas”, movida apenas pela urgência de salvar meu filho. Nem cheguei a pesquisar qual era a língua do Brasil. Quando cheguei à fronteira, percebi que não entendia nada. Felizmente, os militares e voluntários treinados para lidar com migrantes conseguiram compreender minha situação. Além do idioma, a cultura e a gastronomia são muito diferentes. O choque cultural é grande, e o idioma limita muito no início.

**Entrevistadora:** Você recebeu algum tipo de assistência ao chegar?

**Entrevistada:** Sim. Na fronteira, fomos acolhidos pela Operação Acolhida, que conta com apoio do Exército e várias instituições — Cáritas, ACNUR, IMDH, entre outras. Naquela época, entre 2017 e 2018, o acolhimento era mais estruturado. Fiquei dois meses em um abrigo e, de lá, vim para Brasília. Aqui, o apoio é menor, porque há menos pessoas preparadas para lidar com o espanhol, mas mesmo assim as pessoas são muito acolhedoras e dispostas a ajudar.

**Entrevistadora:** É interessante, porque para nós o espanhol parece uma língua próxima.

**Entrevistada:** Sim, mas o medo do desconhecido atrapalha. Há muitas palavras parecidas, mas com significados diferentes. Por exemplo, eu achava que “pois não” significava uma recusa. Quando alguém dizia “pois não?”, eu entendia que não podia ser atendida — e ia embora. Depois me explicaram que, no Brasil, “pois não” é uma forma educada de oferecer ajuda. São pequenas diferenças que marcam muito.

**Entrevistadora:** E como você fazia para se comunicar?

**Entrevistada:** O tradutor do celular ajudou muito. No início, nem todos tinham telefone, mas conseguimos comprar um na fronteira. Curiosamente, antes da crise, eu já tinha contato com brasileiros que viajavam para a Venezuela, então conhecia algumas palavras, mas nada que ajudasse de verdade.

**Entrevistadora:** Você participou de algum curso de português como língua de acolhimento?

**Entrevistada:** Sim. Quando cheguei em Brasília, havia muitos cursos de português oferecidos por instituições. Participei de alguns, mas não consegui concluir por causa do tratamento do meu filho. Antes havia várias oportunidades — hoje, a maioria é online, o que dificulta para quem não tem acesso a celular ou internet.

**Entrevistadora:** Quais foram as maiores dificuldades ao aprender português?

**Entrevistada:** A diferença entre o que se aprende na gramática e o que se fala no dia a dia. As gírias, principalmente. Os brasileiros usam muitas expressões regionais. Uma vez, num curso, eu disse que estava atrasada porque havia “muito tráfico”, querendo dizer “muito trânsito” — e todos riram. Também teve o dia em que elogiei a comida dizendo que estava “esquisita”. Na Venezuela, “esquisito” significa “muito gostoso”. A cozinheira ficou ofendida e passou três dias sem falar comigo, até que alguém explicou. Hoje a gente ri disso.

**Entrevistadora:** E como foi sua integração na comunidade de São Sebastião?

**Entrevistada:** Muito boa. Eu tinha medo de encontrar pessoas fechadas, mas aqui o acolhimento foi total. As pessoas são solidárias e abertas. Em seis anos, nunca tive problemas. Hoje nos sentimos parte da comunidade.

**Entrevistadora:** Você mencionou o apoio de instituições como a Cáritas. Poderia falar um pouco mais sobre isso?

**Entrevistada:** Sim. Recebemos muito apoio da ACNUR, IMDH, Cáritas, Igreja Jesuíta e outras instituições. No início, elas tinham financiamento internacional, especialmente dos Estados Unidos, o que permitia um trabalho intenso. Hoje, com a redução desses recursos, muitas atividades diminuíram. Eu mesma assumi parte desse trabalho e atuo há seis anos como liderança comunitária.

**Entrevistadora:** Que tipo de trabalho você realiza como liderança?

**Entrevistada:** Trabalhamos com integração socioeconômica e cultural, mostrando também a cultura venezuelana ao Brasil. Há quatro anos formalizamos uma associação — inicialmente chamada Los Venezolanos —, mas ela está sendo renomeada porque agora acolhe migrantes de várias nacionalidades: cubanos, haitianos, colombianos e outros. Nos primeiros anos, o foco era a assistência social, já que muitos chegavam sem emprego nem rede de apoio. Hoje o trabalho é voltado ao empreendedorismo, para que os imigrantes conquistem autonomia.

**Entrevistador(a):** Quais foram as iniciativas ou ações que mais contribuíram para a sua adaptação?

**Entrevistado(a):** Eu acho que esse compartilhar, sobretudo de gastronomia, que a gente fazia muitas vezes com as instituições, esses momentos de integração na comunidade, como, por exemplo, as festas juninas. A gente não conhecia e ficava fechado, e os vizinhos muitas vezes chamavam a gente e a gente não sabia de que ia participar. Até que a gente foi entendendo, se integrando nesse tipo de atividades culturais próprias do país. Porque é muito difícil você se expor a um negócio que você não sabe se vai ser queimado na fogueira. Então, muitas vezes, até esse tipo de coisa minuciosa a gente tem que ter muito cuidado, mas pouco a pouco a gente vai se integrando, vai conhecendo. Também é bom dar um tempo para a gente conhecer a cultura, saber o que pode fazer e o que não pode. O maior problema é o medo que o imigrante tem em se integrar, porque tem medo de cometer erros, de falar coisas que não devem. Então, esse é o temor no caso.

**Entrevistador(a):** Como tem sido a sua vida cotidiana?

**Entrevistado(a):** É porque assim, imagine eu coordenando tantos projetos. No meu caso, é esse o problema. Não vou negar que a gente teve até problemas políticos, muitos problemas políticos por conta de fazer o trabalho que a gente faz. E entre essas coisas, fica muito pesado ter a carga ou a responsabilidade de ser referência com respeito a um tema. Porque a gente é procurado por todo tipo de pessoa. Tem que ter cuidado para quem trabalha ou para quem faz algo, porque já aconteceu de ser utilizado para política, já aconteceu de ser utilizado para fazer mídia, já aconteceu de ser utilizado de uma maneira horrível com respeito.

Aí eu estou fazendo renda também com a menina. Eu dou aula para ela, produzo o PC, assim se faz feira, bota em lojas colaborativas, esse tipo de coisa. E testando, é isso. Prova, funciona, não funciona, testamos em outro espaço, procuramos feiras, procuramos... Então é isso. É daí que agora está sendo a minha renda. Mas eu sigo fazendo outro trabalho também. E é assim que até agora eu funciono.

**Entrevistador(a):** O seu filho você conseguiu colocar na escola, não é?

E Sim, meu filho já este ano faz ensino médio. Este ano já estou no ensino médio. Ele está no terceiro ano.

**Entrevistador(a):** Além deste curso que você está fazendo aqui no IFB, você já fez algum outro profissionalizante?

**Entrevistado(a):** Realmente, eu fiz uns 20, mais ou menos. Sim, é porque eu faço curso com a visão de formar algum projeto nessa área. A maior parte dos projetos que a gente é formado é porque eu faço o curso e multiplico através do projeto. E aí

a gente deixa andando. Então, eu tenho em mente que a gente consegue trabalhar a floricultura através das pessoas adultas que não têm como trabalhar. Então, já na floricultura, o foco que eu entrei foi para ver se tem a viabilidade de um projeto para pessoas de mais de 60 anos que a gente possa integrar na área da floricultura.

**Entrevistador(a):** Você pode fazer alguma pergunta relacionada à cidade de Ponto do Barra de Chão, ao nosso IFB, né? Você falou do seu filho que ele está formando no ensino médio, né?

**Entrevistado(a):** Sim.

**Entrevistador(a):** E ele imagina que queira continuar os estudos dele. Você já pensou no IFB como uma porta para isso?

**Entrevistado(a):** É muito legal essa pergunta. Na verdade, a gente tinha a visão do IFB como algo muito fechado para as oportunidades para os imigrantes. Eu nunca tinha participado de alguma atividade no IFB, além de que eu estava aqui em São Sebastião. Tinham me falado muitas coisas, mas nunca tive a oportunidade. E agora, eu fiz primeiro, acho que já fiz umas três palestras aqui. Eu sou palestrante também, aqui no IFB, numa atividade cultural. Agora fiz o Curicaca também, que fui palestrante também no Curicaca. E aí, com o curso Mulheres Mil, que eu consegui adentrar e conhecer o IFB. A gente ainda tem essa limitação da abertura à educação para os jovens imigrantes. Eu mesma queria fazer algum tipo de estudo para adentrar de novo na minha área de informática, porque eu sou engenheira de informática. Sou tecnóloga também, tenho duas carreiras no meu país.

**Entrevistador(a):** Mas você sente que essa dificuldade é da instituição ou é a falta de conhecimento sobre o que tem na instituição?

**Entrevistado(a):** Acho que é a falta de conhecimento que também a gente tem da instituição. Porque assim, temos esses migrantes que estão querendo estudar, muitos que estão saindo. Este ano passado e este ano têm mais de 10 meninos migrantes e a gente não consegue integrá-los na área de educação, ou seja, na educação superior, porque não sabemos como fazer o processo. Essa é uma área que está ainda um pouco fechada, que tem que fazer o ENEM, que tem que fazer... Eu mesma, na correria deste ano com meus filhos, aprendi um pouco sobre o tema. Mas como são tantos projetos, é muita carga, então muitas vezes eu falo para meus filhos que é preciso se encher de informações para poder ajudar outros também. Eu já trabalhei num cursinho de formação do ENEM. Se você precisar um dia, eu posso compilar informações que vão ajudar quem está começando nesse processo. Este ano, abriu uma turma onde integraram migrantes na Sanote, na Igreja Jesuíta, na UCB. Sobre isso, preparação para o ENEM, meu filho está fazendo com quatro meninos migrantes. Mas seria muito legal a gente conseguir fazer algo parecido aqui em São Sebastião, que eu considero que tem muitos migrantes que conseguiriam participar para fazer o ENEM.

**Entrevistador(a):** E o ENEM é uma parte, né? O processo burocrático é realmente muito complicado, porque aí é SISU, aí tem que colocar a nota no site...

**Entrevistado(a):** Isso, a gente não conhece esse processo e esse limite sempre para nós é muito diferente. Se você é venezuelano e quer estudar, você estuda. A gente faz uma prova da OPSU, que é a prova para entrar na universidade. Mas

you make the proof by doing, first having the bulletin, that people need to have. Because the majority of education has access. You have access to study. It's like in Cuba: in Cuba also has a lot of access to study. But if you don't have food at home, if you don't have how to get by day by day, then the study becomes very difficult. I studied because it was another era in my country, where people could study three careers at the same time, if they wanted. Now there is still access to study, but life doesn't let people study. My two older children — I have a daughter who is also doing Mulheres Mil and I have another child in Venezuela. He stayed here for three years and went back because he is a champion from Central America, Pan-American, of Taekwondo. He was from the selection of Venezuela. I brought him here, because I left him here, but he became very frustrated. Then, the president of the Federation called me, I wanted to let him go, that he would give a look at him. Then, I understood that many times what is good for people, for the other is a limitation. I let him go back and stay there doing his part for the country.

**Entrevistador(a):** A gente pode estar vendo, de alguma forma, essa questão de integrar seus filhos e vocês no curso.

**Entrevistado(a):** Seria muito bom se fizessem algum tipo de trilha de informação para eles entenderem como tentar entrar, porque não conhecem o sistema. É verdade, e a gente, por mais que tenha preparação, eu conheço o sistema no meu país, mas eu vou chegar aqui e é um recorrido de procedimentos diferentes, que é muito grande. Eu mesma não sabia, e eu queria agora, o ano passado, este ano, que eu me informei sobre o EJA, eu mesma já havia feito o EJA, eu já havia entrado, porque eu tenho dois títulos já. Eu posso pelo menos validar o meu ensino médio e conseguir entrar num tecnólogo ou pelo menos ver a possibilidade de revalidar o TI.

**Entrevistador(a):** A gente pode sim, porque assim, a gente tem o Instituto Federal, o curso superior, a gente tem a UnB e a gente tem também as instituições particulares, né? E cada uma delas é um processo diferente. Aqui no IFB, por exemplo, a gente entra pelo SISU, que aí você coloca a sua nota e ele te manda para a instituição. A UnB já é direto com a nota do ENEM, não usa a nota do SISU. Então são processos diferentes, a gente pode fazer uma trilha sobre cada um.

**Entrevistado(a):** É, seria muito bom, porque a gente tem formado uma rede de comunicação muito importante, que é a diferença, a ponta de lança com respeito à migração. A gente tem mais de 10 grupos de SAP em toda Brasília, incluindo Goiás também, e temos uma pessoa por família dentro do grupo. Essa pessoa passa a informação para o resto da família, e assim temos um grupo de mais de 400, 300, 200 pessoas. Nós colocamos a informação e ela chega para todo mundo. Então, pelo menos essa rede de comunicação está bem consolidada e temos quase todos os migrantes que estão aqui no Brasil — da Venezuela, Cuba, Colômbia — integrados.

**Entrevistador(a):** A gente pode desenvolver, porque o edital é bem complicado de ler, tá? Até para a gente que já tem a língua há muito tempo, a gente fica sofrendo.

**Entrevistado(a):** E essa é outra coisa. Menina, até agora eu sou ruim para ler. Além de que eu estudei duas carreiras, mas são duas carreiras técnicas, duas carreiras

de tecnologia. Eu não gostava de ler muito. E tudo aqui no Brasil se maneja por editais. Até eu já participei de uma quantidade de editais que eu falava: “Nossa Senhora, eu faço um projeto, para mim tem muita mais facilidade, eu faço um projeto de tal coisa, eu faço um projeto.” Mas os editais têm limitações, têm tudo isso: ler tudo, encaixar tudo, entender alguns termos que também são bem difíceis. Então, é uma barreira, mas funciona. A fórmula funciona. Não está demais falar que a fórmula dos editais funciona, só que a gente tem essa limitação de linguagem.

**Entrevistador(a):** E os editais daqui — é uma reclamação bem presente — usam uma linguagem muito difícil, tá? O edital é um processo eliminatório.

**Entrevistado(a):** É verdade.

**Entrevistador(a):** Uma última pergunta. Como é que tem sido essa questão da moradia? Como é que vocês estão? As pessoas estão vivendo no hotel? Como é que isso fica?

**Entrevistado(a):** É importante isso. Isso também, deixa eu botar isso também no rol que você falou das limitações. O que acontece na Venezuela: a gente tem muita oportunidade de viver. No sentido que, muitas vezes, nós construímos em casa demais e há casas que têm três casas no mesmo lote, sabe? Mas todo mundo tem a cultura de ter os próprios. Além de que a gente, a luz, a água, os serviços...

**Entrevistadora:** Que bonito! Muito obrigada, Violeta por compartilhar sua história e experiência conosco.

**Entrevistada:** Eu que agradeço.

### **Transcrição (Melissa e Margarida):**

**Entrevistador(a):**

Bom dia. Qual o nome de vocês?

**Entrevistada 1:**

Melissa.

**Entrevistador(a):**

E o seu?

**Entrevistada 2:**

Meu nome é Margarida.

**Entrevistador(a):**

Margarida ok. Muito prazer.

**Entrevistador (a)** Há quanto tempo vocês estão aqui no Brasil?

Melissa:

Quatro anos.

Margarida:

Um ano e oito meses.

**Entrevistador(a):**

Um ano e oito meses, há muito tempo. Vocês estão gostando?

Violeta:

Sim.

**Entrevistador(a):**

Sim? É muito diferente o que vocês estão percebendo?

Melissa:

Sim.

**Entrevistador(a):**

A comida? O quê?

Margarida:

Tudo. A comida... mas é bom.

Melissa:

O idioma.

**Entrevistador(a):**

O idioma também, né?

Margarida:

Eu não gosto do frio.

**Entrevistador(a):**

Ah, é muito frio! Em junho faz muito frio, muito mesmo. E qual foi o principal motivo que levou vocês a virem pra cá?

Margarida:

Foi a economia.

Melissa:

A parte de oportunidade.

Margarida:

Foi a economia. E para o meu filho, estudar. É muito difícil na universidade lá.

**Entrevistador(a):**

Entendi. Quantos anos o seu filho tem?

Margarida:

Quatro.

Melissa:

Não, não, ela tem quatro filhos.

**Entrevistador(a):**

Ah, entendi. Quais as idades?

Margarida:

A mais velha tem 26, outra tem 18, uma tem 14 e o menor 8 anos.

**Entrevistador(a):**

Ah, são crianças na idade escolar mesmo, né?

Margarida:

Sim, sim.

**Entrevistador(a):**

Perfeito.

Melissa:

Eu tenho dois: um de 11 anos e uma brasileira de dois anos.

**Entrevistador(a):**

Olha, já é brasileira! Maravilha. E como foi pra vocês a chegada aqui no Brasil? Foi difícil?

Melissa:

Muito.

Margarida:

Foi complicado. Eu vim em pandemia.

**Entrevistador(a):**

Sim.

Margarida:

Eu passei por Troja...

**Entrevistador(a):**

Por Troja?

Margarida:

Sim, com aquelas pessoas que passam pela fronteira de forma ilegal.

**Entrevistador(a):**

Entendi.

Melissa:

Ela não conseguiu pela fronteira oficial. Foi difícil, mas um pouco mais fácil pra mim, porque eu vim por intermediação.

**Entrevistador(a):**

Vocês enfrentaram quais desafios ao chegar aqui?

Melissa:

Eu tive problemas no aeroporto.

Margarida:

E um pouco de xenofobia, né?

Melissa:

Sim, foi complicado.

**Entrevistador(a):**

Vocês receberam alguma assistência ou apoio?

Melissa:

Não, apenas para documentação.

Margarida:

Em aquele tempo estava tudo fechado.

**Entrevistador(a):**

Apenas documentação, então.

Melissa:

Sim.

Margarida:

Eu recebi acolhimento em casa de paz.

**Entrevistador(a):**

Ah, casa de paz.

Margarida:

Sim. Eles me ajudaram, inclusive consegui comprar o cartão de transporte com ajuda da assistência.

**Entrevistador(a):**

E como vocês fizeram para se comunicar quando chegaram aqui?

Melissa:

Foi difícil!

Margarida:

Sim. Eu pedia uma coisa e me davam outra!

Melissa (rindo):

Eu pedi uma empanada e me deram uma garrafa de água!

**Entrevistador(a):**

Sério?

Margarida:

Sim! Aí eu usava o Google Tradutor, mostrava imagens.

Melissa:

Foi assim que a gente se comunicava.

**Entrevistador(a):**

Vocês participaram, desde que chegaram até agora, de algum curso de português como língua de acolhimento ou língua estrangeira?

Melissa:

Eu participei de dois. Foram bem básicos.

Margarida:

Eu também. Eu morava na Casa de Paz e lá tinha um professor que ensinava português, mas era bem básico.

**Entrevistador(a):**

Quais foram as maiores dificuldades para aprender português?

Melissa:

O sotaque.

Margarida:

O sotaque é muito difícil. Para nós o espanhol é mais plano.

Melissa:

Aqui o português tem muitos sons diferentes, a gente ainda não pronuncia bem.

**Entrevistador(a):**

Entendi. Como vocês descreveriam a interação com a comunidade de São Sebastião?

Melissa:

Boa.

Margarida:

Sim, as pessoas são muito amáveis.

**Entrevistador(a):**

Que ótimo!

Margarida:

Meu filho é autista. Na Venezuela ele tinha muitos problemas de saúde e de bullying. Aqui não. Ele está tranquilo, feliz. Ele se adaptou bem e tem boas notas.

**Entrevistador(a):**

Que bom!

Os professores até falaram que ele já está em nível de faculdade. A gente até comentou sobre fazer um curso pra ele.

Inclusive, há um curso aberto chamado Vestibular Cidadão, voltado para quem quer se preparar para o ENEM. As inscrições vão até quinta-feira.

Melissa:

Ah, que bom saber.

**Entrevistador(a):**

Sim, porque esse curso ajuda muito na preparação. As inscrições do IFB abrem entre setembro e outubro, aí vocês já podem tentar pro próximo ano.

Margarida:

Seria ótimo, porque a gente não tem muita informação sobre esses processos.

**Entrevistador(a):**

Exato. O ENEM é uma parte, depois tem o SISU, a nota, e o sistema é bem diferente.

Margarida:

Sim, no nosso país é outra coisa. Lá fazemos uma prova chamada OPSU, e temos acesso fácil ao ensino, mas o problema é sobreviver — comida, transporte... estudar é difícil assim.

Melissa :

É verdade.

**Entrevistador(a):**

Vocês pretendem voltar ao país de origem?

Margarida:

Não agora.

Melissa:

Meu filho fala que não quer voltar. Ele quer estudar aqui, na universidade.

**Entrevistador(a):**

Que bom. E vocês conseguiram emprego aqui?

Margarida:

Não posso trabalhar, recebi BPC. Isso me impede.

Melissa:

Eu participo de cursos profissionalizantes.

**Entrevistador(a):**

Ah, vocês estão no curso Qualifica agora, né?

Margarida:

Sim, sim.

Melissa:

Particpei também de atividades pela Associação de Ascienso.

**Entrevistador(a):**

Legal. Isso ajuda bastante.

Margarida:

Sim, muito.

**Entrevistador(a):**

Agora, só pra finalizar: vocês se sentiram acolhidas aqui?

Violeta:

Sim!

Margarida:

As pessoas são muito acolhedoras.

Melissa:

Mesmo com o idioma, elas sempre ajudam.

### **Transcrição – Entrevista com Jasmim**

**Entrevistador(a):** Qual é o seu nome?

**Entrevistada:** Jasmim.

**Entrevistador(a):** Há quanto tempo você está aqui no Brasil?

**Entrevistada:** Já faz cinco anos.

**Entrevistador(a):** Quando você veio para cá, precisou mudar o nome, como alguns imigrantes fazem?

**Entrevistada:** Não.

**Entrevistador(a):** Algumas pessoas com quem conversei contaram que precisaram trocar o nome ou mudar a forma de falar. Isso aconteceu com você?

**Entrevistada:** Não, não aconteceu.

**Entrevistador(a):** Qual foi o principal motivo que levou você a deixar o seu país?

**Entrevistada:** Na verdade, foi por causa da economia do país.

**Entrevistador(a):** E como foi a sua chegada aqui no Brasil?

**Entrevistada:** Foi... como se diz? A gente veio por meio de uma travessia. Viemos em união e começamos um projeto social que tem lá com a Cáritas. Com a Cáritas, a gente chegou e conseguiu vir de lá pra cá.

**Entrevistador(a):** Quais foram os maiores desafios que vocês enfrentaram ao chegar aqui?

**Entrevistada:** Os maiores desafios foram estar no abrigo. É complicado, porque todas as pessoas que vêm de lá entram no abrigo, e temos que conviver com muita gente que não se conhece. A convivência é difícil, mas temos que saber levar.

**Entrevistador(a):** Vocês receberam algum tipo de assistência ou orientação ao chegar?

**Entrevistada:** Sim. Na verdade, a família do meu esposo já estava aqui, então conversamos e decidimos vir para o Brasil.

**Entrevistador(a):** Então vocês vieram com pessoas que já tinham família aqui?

**Entrevistada:** Exato. Já havia a família do meu esposo aqui. Eles falaram para a gente vir, e quando chegamos já tinha alguém esperando por nós.

**Entrevistador(a):** Que bom! E quanto tempo essa família já estava no Brasil?

**Entrevistada:** Acho que já estavam aqui há uns dois anos.

**Entrevistador(a):** Ao chegar aqui, como vocês faziam para se comunicar?

**Entrevistada:** No começo, só com gestos. Eu escutava as pessoas falando e tentava repetir as palavras. Até hoje ainda tem coisas que não sei. As pessoas diziam: “Esse é o nome”, e eu aprendia assim, gesticulando, até conseguir falar.

**Entrevistador(a):** Vocês participam ou participaram de algum curso de português?

**Entrevistada:** Sim, eu já fiz um curso de português.

**Entrevistador(a):** Aqui mesmo, em São Sebastião?

**Entrevistada:** Sim, foi aqui em São Sebastião... ali, como é o nome? Esqueço o nome do lugar.

**Entrevistador(a):** Tudo bem. Quais foram as maiores dificuldades que você encontrou ao aprender o português?

**Entrevistada:** Acho que a pronúncia. Porque a gente escreve de um jeito e pronúncia de outro. E o nosso sotaque é complicado. Quando a gente fala, as pessoas percebem que não somos daqui.

**Entrevistador(a):** Como você descreveria a integração da sua família na comunidade de São Sebastião? Vocês se sentiram acolhidos?

**Entrevistada:** Graças a Deus, fomos muito bem acolhidos. Até agora não tivemos nenhuma dificuldade para nos integrar. Já estamos há cinco anos morando aqui, e tudo tranquilo.

**Entrevistador(a):** Você poderia compartilhar algum momento em que pensou “aqui é o meu lugar”?

**Entrevistada:** Desde que chegamos aqui, fomos muito bem acolhidos. Conhecemos muitas pessoas, os brasileiros são muito bons, fazem amizade rápido. Eu não me senti mal, me senti como em casa.

**Entrevistador(a):** Vocês pretendem voltar ao seu país?

**Entrevistada:** Eu pretendia, porque minha família está toda lá — minha mãe, meu pai, todos. Aqui estou só com meu filho e meu esposo. Em algum momento eu volto, mas também já fiz daqui a minha casa. É outro país, mas é minha casa também.

**Entrevistador(a):** Como tem sido a vida cotidiana de vocês?

**Entrevistada:** Está sendo boa. A gente trabalhava e morava de aluguel, mas agora temos casa própria. Seguimos uma rotina normal do dia a dia.

**Entrevistador(a):** Uma outra entrevistada comentou que a rotina é muito corrida. É assim pra você também?

**Entrevistada:** Sim, tem que ser corrida mesmo, mas a gente vai levando.

**Entrevistador(a):** E quanto ao trabalho? Você conseguiu emprego?

**Entrevistada:** Sim, já vai fazer um ano. Quando cheguei, trabalhei por um tempo, mas parei porque fiquei grávida do meu filho. Fiquei três anos sem trabalhar, e agora já faz um ano que voltei.

**Entrevistador(a):** E como é o seu trabalho?

**Entrevistada:** É tranquilo, tudo normal.

**Entrevistador(a):** É aqui em São Sebastião?

**Entrevistada:** Sim, aqui mesmo em São Sebastião.

**Entrevistador(a):** Você participou de algum curso profissionalizante para ajudar na carreira?

**Entrevistada:** Sim, fiz três cursos: um de eletricidade fotovoltaica, outro de assistente administrativo e outro de serviços gerais.

**Entrevistador(a):** Que ótimo! Eu aproveito para te contar que vamos abrir um curso de Português como Língua de Acolhimento no IFB – Campus São Sebastião. Gostaria de receber o convite?

**Entrevistada:** Legal! Estava justamente procurando um curso de português.

**Entrevistador(a):** Que bom! As aulas serão em dezembro, à tarde, a partir das duas horas. Serão de três a quatro encontros.

**Entrevistada:** Pela tarde é ótimo, porque de manhã estou trabalhando.

**Entrevistador(a):** Perfeito. Podemos enviar o convite e as informações pelo WhatsApp?

**Entrevistada:** Pode sim. Tudo bem!

## AGRADECIMENTOS

Sempre soube que o novo assusta. Como diz o linguista Marcos Bagno, o desconhecido subverte certezas e exige coragem para acolher a mudança. Mas, inspirada por Marisa Monte, "já não tenho medo do perigo", não tenho mais medo de errar. Pois o erro é o ensaio do acerto, um intervalo necessário para que os passos se firmem, pois enfrentar o novo é um gesto de força e autoconfiança, mesmo quando o coração hesita. É com essa crença que agradeço a todos que cruzaram meu caminho e tornaram esta conquista possível. Com paciência e afeto, vocês me incentivaram a enfrentar o medo e a seguir adiante.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por me conceder forças em cada etapa desta jornada e por ser meu alento nos momentos de dificuldade, sustentando-me ao longo destes quatro anos de graduação. "Louvai ao Senhor, porque Ele é bom; porque a Sua benignidade dura para sempre." (Salmos 136:1)

À minha mãe, Ana Gonçalves, meu alicerce no amor pelos estudos. Com determinação, percorreu o caminho do EJA e me mostrou, dia após dia, que o conhecimento transforma, liberta e amplia horizontes. Sua trajetória firme e resistente moldou minha força e iluminou meu caminho. Ao meu falecido pai, cuja fé em mim sempre foi combustível: obrigada por acreditar, incentivar e me ensinar a trabalhar com dignidade e coragem. Sua presença vive em mim. Ao meu irmão Walteir, o homem da nossa família hoje, agradeço pela responsabilidade, pelo apoio constante e pela força que nos inspira. À minha irmã Elisângela, sou grata pelo incentivo que me trouxe até o tão amado IFB e por sempre acreditar no meu potencial.

Estendo minha gratidão ao meu companheiro, que flui pela vida ao meu lado. Obrigada por me mostrar que o amor pode ser vivido até a última gota, por ser porto, amparo incentivo, e muitas vezes, professor. Ao meu amado filho, agradeço pela paciência, companheirismo e por participar das aulas comigo, ancorando seus passos aos meus neste oceano vasto que é a vida.

Minha gratidão se estende à minha orientadora, Raquel Sena, presente desde o início da graduação como me ensinou e me ajudou na minha oralidade e foi decisiva na realização deste sonho. À coorientadora Suiane, que me marcou com a frase: "Quando você estiver lecionando, vai entender a dificuldade da câmera fechada." Uma mulher preta, cacheada, firme, é, para mim, um verdadeiro exemplo de representatividade. À minha colega de faculdade Luana, que enfrentou comigo as nuances da pesquisa em campo e foi comigo mesmo com medo. Às minhas amigas, que ganhei na faculdade Ana Paula e Joice, pelo companheirismo e leveza não foi fácil, mas com vocês tudo se tornou menos pesado. E aos meus professores do curso de Letras, essenciais na minha formação acadêmica, humana e profissional, deixo meu sincero reconhecimento.

A solidude pode ser um refúgio, mas é na partilha da vida que descobrimos seus contornos mais profundos. Caminhar ao lado de alguém é permitir que o mundo se expanda, que o tempo ganhe cor e que os dias se tornem mais leves.